

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Instituto da Humanidades e Letras

Bacharelado em Humanidades

INTEGRAÇÃO E DIFERENÇA: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES DE
ESTUDANTES AFRICANOS, BRASILEIROS, TIMORENSES E A COMUNIDADE
DE ACARAPE E REDENÇÃO – CEARÁ, BRASIL

Aluno: Numna Té

Orientadora: Carla Susana Alem Abrantes

Redenção

2017

NUMNA TÉ

INTEGRAÇÃO E DIFERENÇA: UM ESTUDO SOBRE AS INTERAÇÕES DE
ESTUDANTES AFRICANOS, BRASILEIROS, TIMORENSES E A COMUNIDADE
DE ACARAPE E REDENÇÃO – CEARÁ, BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado
Interdisciplinar em ciências Humanas do
Instituto das Humanidades e Letras da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB,
como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharelado em Humanidade.

Orientadora: **Carla Susana Alem
Abrantes**

Redenção

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

te, Numna.

T245i

Integração e Diferença: um estudo sobre as interações de
estudantes africanos, brasileiros, timorenses e a comunidade de
Acarape e Redenção-Ceará, Brasil / Numna te. - Redenção, 2017.
99f: il.

Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Humanidades, Instituto
De Humanidades E Letras, Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017.

Orientadora: Carla Susana Alem Abrantes.

1. Educação multicultural. 2. Estudantes internacionais. 3.
Integração intercultural. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 370.117

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e Membros da banca Examinadora, composta pelos professores:

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Carla Susana Alem Abrantes (Orientadora)
Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof^a. Dr^a. Daniele Ellery Mourão
Pesquisadora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Lourenço Cardoso
Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Aprovado em ____/____/____.

Dedico este trabalho de conclusão
de curso de forma especial em
memória da minha Mãe LINDA
CÁ.

AGRADECIMENTOS

Assim é a conquista! Foi difícil este trabalho de conclusão de curso em Bacharelado em Humanidade na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Mas graças ao meu bom Deus, terminei. Neste sentido em primeiro lugar e acima de tudo agradeço a Deus, a minha família, a minha Pátria, e a minha Igreja Adventista do Sétimo Dia de Bissau por me dar a força e coragem nessa conquista. Em segundo agradeço as palavras da minha mãe (Linda Cá) que falou a mim, que a escola é meu tudo! Meu tio e minha tia que me orientaram desde criança na escola-de-banco (Augusto Lima e Victória Cá).

- Agradeço minha orientadora Susana Abrantes pela incansável disponibilidade de me orientar.
- Ao Calilo Fati por ser a pessoa que me motivou para concorrer a uma das vagas para Unilab.
- Minha caríssima e estima mãezinha Fatinha da Silva, amigo-irmão Julião Aem, Pastor Fábio Martinelli e Priscila Motta Martinelli – pessoas inesquecíveis.
- Ao Mussa Sar meu sobrinho que dedicou seu tempo para me ajudar em Bissau na documentação e me deu força para tudo!
- De forma especial agradeço Mana Filomena Cá, minha mana Mestre Plácida Costa e Dona Lucilene Ferreira Silva.
- Ao mestre Edgar Djú, Fernando Lucas Dialamico por se disponibilizarem para me atender quando precisei deles.
- Para minhas irmãs e primas: Benisa Albertino Nanque Djata, Nhancai Assim Lima, Ivanira Quebé Té, Mendonça Quebé Té e aos meus irmãos: Francisco Quebé Té, Gilberto Lima, Leonardo Pereira Barreto, Eu vos agradeço – Obrigado pela vossa existência que deu sentido há minha – amo vocês!

E de uma ou algumas formas agradeço aos amigos que sempre falaram comigo sempre me aproximaram: Albat Yurna, Maiuca Alberto Seco, Barnabé Augusto Có, Jéssica de Rosário Bandeira, e todos outros que não lembrei de momento!

RESUMO:

Este trabalho refere-se a experiências de integração dos estudantes africanos, timorenses e brasileiros (moradores e estudantes) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e nas comunidades de Acarape e Redenção. O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo analisa as diretrizes institucionais que estabelecem a origem dessa integração. O segundo capítulo trata da diferença em suas variadas formas e inter-relações e como surge nos discursos dos estudantes como uma fronteira que separa, exclui ou mesmo marginaliza. E o terceiro capítulo é dedicado a analisar a integração conceitualmente, levando em consideração os dados obtidos no trabalho de campo. Assim, o objetivo principal deste TCC é analisar e identificar como os estudantes internacionais e os nacionais estão se integrando, a partir das experiências percebidas como de convivência com a diferença. Neste sentido, os métodos usados para alcançar os dados são as entrevistas e a relação estabelecida diariamente pelo pesquisador com os sujeitos da pesquisa buscando coletar as suas falas. Partindo da questão sobre a eficácia do projeto de integração da universidade, conclui-se que existem, do ponto de vista dos narradores, três modos de integrar na Unilab e nas comunidades de Redenção e Acarape: integração institucional, integração intelectual e integração intercultural ou sociocultural.

Palavras-Chaves: Integração Intercultural. Estudantes Internacionais. Estudantes Nacionais/Internacionais. Entrevistados/interlocutores.

ABSTRACT:

This work refers to experiences of integration of African, East Timorese and Brazilian students (residents and students) at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (Unilab) and in the communities of Acarape and Redenção and is divided into three chapters. The first chapter analyzes the institutional guidelines that establish the origin of this integration. The second chapter deals with the difference in their various forms and interrelationships and how they appear in students' discourses as a frontier that separates, excludes or even marginalizes. And the third chapter is dedicated to analyze the integration conceptually, taking into consideration the data obtained in the field work. Thus, the main objective of this CBT is to analyze and identify how international and national students are integrating, based on experiences perceived as coexistence with difference. In this sense, the methods used to reach the data are the interviews and the relationship established daily by the researcher with the subjects of the research seeking to collect their lines. Based on the question of the effectiveness of the university integration project, it is concluded that, from the point of view of the narrators, there are three ways of integrating into Unilab and the communities of Redenção and Acarape: institutional integration, intellectual integration and intercultural or sociocultural integration .

Key Words: Intercultural Integration. International Students. National / International Students, Interviewees / Interlocutors.

Resumen:

Este trabajo se refiere a las experiencias de integración de los estudiantes africanos, timorenses y brasileños (residentes y estudiantes) en la Universidad de la Integración Internacional de la Lusofonía Afro-Brasileña (Unilab) y en las comunidades de Acarape y Redención y está dividido en tres capítulos. El primer capítulo analiza las directrices institucionales que establecen el origen de esa integración. El segundo capítulo trata de la diferencia en sus variadas formas e interrelaciones y cómo surge en los discursos de los estudiantes como una frontera que separa, excluye o incluso marginaliza. Y el tercer capítulo está dedicado a analizar la integración conceptualmente, llevando en consideración los datos obtenidos en el trabajo de campo. Así, el objetivo principal de este TCC es analizar e identificar cómo los estudiantes internacionales y los nacionales se están integrando, a partir de las experiencias percibidas como de convivencia con la diferencia. En este sentido, los métodos usados para alcanzar los datos son las entrevistas y la relación establecida diariamente por el investigador con los sujetos de la investigación buscando recoger sus palabras. A partir de la cuestión sobre la eficacia del proyecto de integración de la universidad, se concluye que existen, desde el punto de vista de los narradores, tres modos de integrar en la Unilab y en las comunidades de Redención y Acarape: integración institucional, integración intelectual e integración intercultural o sociocultural.

Palabras Claves: Integración Intercultural. Estudiantes Internacionales. Estudiantes Nacionales / Internacionales, Entrevistados / interlocutores.

LISTA DE SIGLAS

ACES – Associação Cearense de Estudantes

CONAIGUIB – Confederação Nacional das Associações dos Estudantes Guineenses

CPLP – Comunidades dos Países de Língua Portuguesa

DCE – Diretório Central dos Estudantes

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IHL – Instituto das Humanidades Letras

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PET – Programa de Educação Tutorial

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PND – Plano Nacional do Desenvolvimento

PT – Partido dos Trabalhadores

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UECE – Universidade Estadual de Ceará

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
ABSTRACT.....	08
RESUMEN.....	09
LISTA DE SIGLAS.....	10
INTRODUÇÃO (procedimento metodológico)	13

CAPÍTULO I

1. A integração e as Diretrizes da Unilab.....	27
1.1. Análise das Diretrizes da Unilab.....	28
1.2. Criação e localização da UNILAB.....	29
1.3. Missão da UNILAB.....	33
1.4. A Integração como proposta da UNILAB.....	37

CAPÍTULO II

2. Perspectiva sobre diferença e conflitos emergentes na sociabilidade.....	42
2.1. AMIZADE E INTERAÇÃO: a dinâmica da língua com intermediadora.....	43
2.2. Inter-Relação entre nacionalidades e conflitos vigentes nas sociabilidades.....	52
2.2.1. Relação: Nacionais & Internacionais.....	53
2.2.2. Relação entre estudantes internacionais.....	58
2.3. Gênero e Sexualidade	63
2.4. Preconceito e Racismo	66

CAPÍTULO III

3. Perspectiva sobre a integração na UNILAB.....	77
3.1. Integração na concepção dos integrantes na Unilab	77
3.2. A integração está acontecendo ou não?	79
3.3. Crítica e proposta como integração pode evoluir na Unilab	83
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
6. ANEXOS	92

INTRODUÇÃO

(Procedimento metodológico)

A integração dos estudantes africanos, brasileiros, timorenses da Unilab e as comunidades de Acarape e Redenção pode ser compreendida a partir de um estudo desenvolvido na universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. Essa universidade está localizada, ou, aliás, tem seu bloco administrativo principal, na cidade Redenção (*Campus da Liberdade*) e o outro campus está situado na cidade de Acarape (*Campus dos Palmares*). A pesquisa foi realizada nestas cidades porque é nelas que reside um número maior dos estudantes internacionais e nacionais (moradores locais e vindos de outras cidades) para universidade. A busca foi feita com o intuito de tentar compreender a integração a partir de experiências de vida dos estudantes e moradores das duas comunidades acima referidas. O objetivo é propor uma resposta a um ‘grande discurso’ que norteia ambiente acadêmico da Unilab, já que é anunciado cotidianamente, de que “a integração não existe”. Os resultados obtidos desta pesquisa sinalizam o contrário desse discurso popular da comunidade universitária. Tudo indica que, apesar de algumas situações de sociabilidade que geraram tensões entre nacionais x internacionais, de um modo geral a integração acontece. Para chegar a essa conclusão, percorreu-se um caminho de pesquisa que considerou como um de seus pressupostos que nem sempre o conflito é sinônimo de desintegração e, ao mesmo tempo, nem todo consenso expressa uma integração (PIRES, 1999).

Para alguns entrevistados estes conflitos são sinais de que a integração está acontecendo. Isto é, se forem bem resolvidos, a integração dá um passo. Para os estudantes envolvidos no cotidiano das interações, o fato de existir divisões, conflitos, racismo e preconceito não impede a integração de acontecer. Por outro lado, é claro que não se nega que esses fatores podem se transformar em barreiras que podem impedir a existência da integração na sua íntegra. Como já vimos, seria bom que entendamos que nem sempre os conflitos devem ser tomados como desintegradores e o consenso como integrador. De certo modo, não negamos o ponto de vista de colegas de que a integração não está a acontecer, mas queremos que esse ponto de vista negativo seja aperfeiçoado com a realidade que vive a comunidade dos estudantes da Unilab.

A pesquisa começou como muitas outras pesquisas começam: a partir de uma inquietação ou curiosidade de saber sobre um determinado assunto. Por meio de uma

discussão acadêmica entre mim e um colega guineense do curso de Ciência da Natureza e Matemática, analisávamos se a integração estava acontecendo entre estudantes nacionais, internacionais e população das cidades referidas anteriormente, como é proposta da Unilab ou não. Essa discussão não envolvia somente nós dois, mas era uma questão que inquietava outros estudantes e também professores que criticavam e questionavam de variadas formas a integração na Unilab.

No nosso caso particular, a discussão com o colega se originou da seguinte forma: estávamos sentados em um banco à frente da casa onde esse meu colega morava. De um momento a outro entre as conversas que estávamos tendo, sem perceber, já estávamos a discutir sobre a “integração na unilab”. Já não me lembro se fui eu que comecei ou se foi o colega, mas lembro que o assunto era sobre um conflito que estava girando na Unilab entre “brasileiros” e “africanos”. Lembro que um de nós questionou que tipo de integração está acontecendo na Unilab entre as nacionalidades que se encontram nessa instituição universitária? Na nossa compreensão principal não existia a integração na Unilab. Apesar de essa ideia não me convencia por completo. Pouco tempo depois, apareceu um amigo “homossexual” que eu já conhecia da Praça Matriz de Acarape, por meio de outro amigo brasileiro. Chamei-o e perguntei: porquê que você me viu e está passando de longe? Ele voltou até onde nós estávamos a discutir. Paramos a discussão para conversar com ele. A conversa foi bem divertida. Após essa conversa que durou mais ou menos uma hora com esse amigo (a) “homossexual”. Ele foi embora e nós retomamos a nossa discussão. Mas desta vez com a interação com esse homossexual, passamos a ter outra compreensão do que é a *integração*. Naquele momento, chamei atenção do colega com a relação/interação que temos com o amigo (a) homossexual, de que aquilo era uma forma de integração. Então, talvez a *integração* esteja acontecendo tanto dentro quanto fora da Unilab, de forma que nem se percebe ou aliás, ela acontece de forma muito lenta. Para o meu colega tudo (referindo-se aos conflitos) que estava a acontecer era por causa da diferença que nós tínhamos com os “anfitriões” (“brasileiros”). Concluiu dizendo que com o tempo essa *integração* vai melhorar. Ele me fez a proposta de escrever um artigo sobre a *integração*, já que eu era da área das ciências Humanas, entendendo que isso teria grande impacto na universidade. Eu achei relevante escrever um artigo sobre a questão. Isso decorreu em meados do ano de 2015.

Foi nessa panorama que nasceu propriamente o projeto para escrever um artigo sobre a *integração* com finalidade de ajudar comunidade acadêmica para entender o seu significado, como ela se dá, se é rápida ou é lenta, quem são os indivíduos ou grupos que dela fazem parte (o seu meio social, cultural, hábitos e educações e, etc...) e em que medida podem ser pensados como *diferentes*. Contando com o apoio e motivação do meu colega, fiz o projeto e o apresentei á minha professora Doutora Carla Susana Alem Abrantes de antropologia I. Na altura a disciplina se chamava de “Colonização e Pensamento Antropológico I”. Ela me perguntou se eu não queria transformar esse projeto em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Naquele momento eu não queria, porque tinha um outro tema ligado à história que eu queria desenvolver. Ela, no entanto, me motivou e mostrou outros caminhos de como poderia ser desenvolvido esse projeto como um TCC e foi assim que eu comecei a pensar em transformar essa inquietação em um trabalho mais duradouro que resultaria em uma monografia. Comecei a investigação bibliográfica e de campo, dividindo o projeto em duas partes fundamentais, a saber: 1) trabalho de campo – entrevista, observações participantes, coleta e interpretação dos dados complementando com a 2) parte bibliográfica que incluía leituras de diferentes obras e documentos relacionados à *integração*. O trabalho etnográfico começou no dia dois (2) de junho de 2016 e terminou no dia dez (10) de novembro do mesmo ano, nas cidades e instituição anteriormente indicadas.

Antes do próprio trabalho de campo iniciar, eu já tinha começado a ler algumas obras relacionadas ao assunto proposto aqui, com intenção de buscar entender as relações dos estudantes “internacionais” *versus* “nacionais” na Unilab, as relações nas comunidades com os “anfitriões” e um pouco das relações entre os “estudantes internacionais”. É verdade que eu me envolvi com o tema (cerca de um ano e meio interagindo com esse assunto), mas a sua complexidade exigiu mais de mim e do tempo. Eu andava à procura de informação, mas me parecia que tudo era obscurecido e ninguém pretendia dar a atenção ao meu trabalho no campo. As dificuldades são várias no campo como também no posicionamento com a temática – mudar ou permanecer com o tema/assunto. Isso não passa do que Malinowski (1978) descreveu ao chegar à ilha dos Trobriandeses em Papua Nova Guiné. Mas a cada vez eu que pensava no tema, sentia mais vontade de desenvolvê-lo do que desistir, e com o apoio da orientadora tornou-se em uma realidade. Ao iniciar a investigação dos fatos, buscar explicações convincentes e aprovadas academicamente passei a conhecer e descobrir o sentido

verdadeiro da *integração* em suas diversas formas sociais e culturais, sem desprezar outros fatores que contribuem para que isso aconteça.

Quando entrei no campo em busca de resultados traçados nos objetivos desta pesquisa, eu passava muito tempo na Unilab e nas redes sociais esperando ou buscando saber onde iria haver atividades para que eu pudesse participar, olhar, escutar/questionar e descrever os fatos que tem lugar nas movimentações entre as “nacionalidades” como pressupõe Roberto Cardoso de Oliveira (1998) na sua obra “*o Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*”.

Depois que foram definidos os sujeitos a serem entrevistados, eu passava algum tempo com eles, conversando sobre diversos aspetos, não exclusivos da pesquisa. Por fim, quando comecei as entrevistas fui às casas dos entrevistados na maioria das vezes. Hoje conto com essas pessoas como amigos devido aos laços de amizades construídos entre eu e eles.

Mas isso não quer dizer que não passei por momentos de frustrações, como explicou Malinowski (1978) ao fazer a sua pesquisa em lugar e época diferente, na ilha de Papua Nova Guiné, com uma tribo no início do século XX. Ele conta que na sua chegada e nos primeiros momentos em que começou a entrar em contato com os sujeitos da pesquisa (os “nativos” da ilha) passou por muitas frustrações. Ele aponta as suas dificuldades em poucas linhas, que eu não considero como o que aconteceu comigo na realidade, mas sinto-me muito identificado com essa descrição:

Lembro-me bem das longas visitas que efectuei às povoações durante as primeiras semanas e da sensação de desânimo e desespero depois de muitas tentativas obstinadas mas inúteis com o objectivo frustrado de estabelecimento de um contacto real com os nativos ou da obtenção de algum material. Atravessei períodos de desânimo, alturas em que me refugiava na leitura de romances, tal como um homem levado a beber numa crise de depressão e tédio tropical (MALINOWSKI, 1978, p.19).

Esse trecho me faz lembrar de algumas situações que passei com os sujeitos da minha pesquisa. Tem aqueles que vêem o pesquisador como um chato, outros que não se interessam com o que você faz, e ainda outros que nem ligam ou seja falam distraidamente para o pesquisador. Mas mesmo assim persisti e em certos casos mudei de uma pessoa para outra até conseguir esse número fixo de interlocutores com quem estabeleci a confiança necessária para a pesquisa.

O assunto da *integração* é pertinente e importantíssimo, mas complicado. Por isso requer mais atenção aos factos subjetivos de um indivíduo ou grupo que se objetivam noutro indivíduo ou grupo. Neste sentido quero afirmar que pesquisar o assunto dessa natureza necessita mais tempo e atenção para fazer mais leituras dos factos decorrentes que a cada dia não são estáveis, mas se modificam aos poucos na perspetiva do pesquisador. Por exemplo, a intenção inicial da pesquisa era de observar os fatores culturais (diferenças na integração tendo como questão central o porquê da lentidão da integração). Mas a cada vez que eu me envolvia com o tema entendia que era necessário mudar alguma coisa até que se tornou no que está descrito neste TCC. Apesar da questão se manter supostamente sobre se a “integração está a acontecer”, a questão como se daria? Isso nos conduziu a vários caminhos. Assim, chega-se a um entendimento prévio de que a *integração* é uma faceta que requer máxima atenção para entendê-la e por isso passou a ter o seu sentido suspenso. Verificamos os movimentos dos estudantes tanto dentro da universidade e também fora dela, percebe-se que há uma inter-relação entre as “nacionalidades” (pode ser restrita, frágil ou pouca, mas o ‘sinalizador’ mostra que existe contacto social, conforme mostram os entrevistados e o que foi constatado no campo).

Esta pesquisa propõe tratar o assunto da integração de uma forma mais ampliada – não para contrariar as percepções e interpretações dos que acham a integração não está acontecendo ou apoiar os que estão a favor de que a integração está acontecendo. Mas queremos posicionar com base nas ferramentas que auxiliam a justificar e facilitar a compreensão do que é ou seja se a integração está ou não está sendo uma realidade. Ou, aliás, buscar entender como isso se dá entre os diferentes grupos sociais.

Esta pesquisa propõe-se entender a *integração* como um processo. De um lado busca-se entender como se dá a interação entre os estudantes internacionais com os moradores de Acarape e Redenção, um tema importante, porque vai ao encontro da discussão atual da comunidade acadêmica. Espera-se que os resultados desta pesquisa auxiliem os integrantes a interagirem a partir de uma base que lhes auxiliará a evitar certos conflitos gerados por choques culturais e visões interpretativas diversos.

Ao longo da história humana, os homens são seres migradores e sociais, portadores de hábitos, costumes, culturas, compreensões e interpretações dos fenômenos sociais de maneiras diferentes. Cada povo tem visões e práticas sociais e culturais cotidianos (modos de viver) que os diferenciam uns dos outros. Com a

mudança de um contexto sociocultural que tenha suas estruturas sociais e culturais próprias para outro contexto sociocultural, a princípio há um sentimento e um olhar de estranhamento para esses indivíduos. Ao chegar em uma nova comunidade, muitas vezes o conflito (choque cultural) é o que cinge a interação entre os recém-chegados e os que já vivem no local há muito tempo. Nesse contexto da diferença, pode-se questionar: como pode acontecer a integração em meio a diversidade?

Esses encontros de indivíduos e grupos diferentes têm a tendência de chocar, por existir algo que contradiz o que o outro faz, pensa ou o que o outro é. Então, essa situação exige uma adaptação ao novo clima social e cultural de interação, respeito e consideração ao outro para facilitar as vivências – resumem os entrevistados. Às vezes não é tão fácil para muitos dos que chegam, levam um tempo para se adaptarem. São fases até que esse indivíduo ou grupo possa se adaptar (integrar) a outro meio social e cultural. Alguns nunca conseguem adaptar-se a esse processo enquanto para outros isso pode acontecer rápido ou lento.

Se considerarmos estudos realizados sobre integração, compreende-se que ela pode ocorrer de três formas: forma rápida, forma processual (lenta) ou nunca ocorrer. O tipo de integração (lenta) é marcado por uma interação distanciada, segundo os autores Luciana Teixeira de Andrade e Luís Vicente Baptista. Para eles, essa interação distanciada seria um “distanciamento [ou seja] nenhuma delas pressupõe laços fortes, interações calorosas ou próximas” (ANDRADE & BAPTISTA, 2015, p. 132). Sendo assim, me pergunto, como os desconhecidos podem interagir até ao ponto de integrar-se? Marcus Welby Batista e Sônia Regina Fiorim Enumo, na pesquisa realizada sobre inclusão escolar e deficiência mental afirmaram que a “integração é um processo” (ENUMO & BATISTA, 2004, p.101). O que ainda em muitos casos envolve algumas dificuldades, tensões, diferenças e indiferenças (SARA & KELLY, 2012).

Assim, entendemos que um indivíduo ou grupo para integrar-se a uma nova sociedade pode levar um tempo, (apesar de pode acontecer de outras formas já ditas), mas ainda ENUMO & BATISTA (2004) reforçam essa ideia de integração afirmando que um indivíduo se “identifica” com o grupo para fazer parte dele. O indivíduo pode gostar ou estar em um grupo, mas se não se identificar ou não for aceito por tal grupo pode ter a sua integração dificultada ou mesmo inviabilizada. No entanto, pode ocorrer uma outra situação que o indivíduo pode ser incluído e participando de toda atividade do grupo, mas não está integrado.

Isto mostra que a “integração está muito além do consenso ou inclusão” física, como encontramos na fala de uns entrevistados. A integração pode ser uma ação motivada e movida internamente pelo indivíduo, dependendo do meio sociocultural onde se criou e onde está inserido ou se inserindo. Até onde a integração é subjetivamente construída ou socialmente construída? Como alcançar resultados que nos auxiliem a compreender a *integração*?

O Professor Doutor Carlos Subuhana na sua pesquisa realizada em 2005, com intuito de entender as relações dos estudantes da África lusófona no seu trabalho intitulado “*A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias*”, do qual cito:

a base do meu trabalho consiste em investigar e compreender como esses estudantes experimentam a vivência de sair de seus países; [...] como constroem suas próprias identidades e auto-imagem; como se relacionam nesse novo contexto; (SUBUHANA, 2005, p. 112).

Com base nessas inquietações, Subuhana formalizou o caminho para sua pesquisa. Apesar de diferir um pouco da linha de pesquisa aqui desenvolvida, já que optei por não discorrer sobre o conceito de identidades, observo que é o mesmo processo de sociabilizações dos estudantes com a nova realidade sociocultural e consequentemente para a formação de uma nova imagem de si mesmos e dos outros, de uma construção da diferença. Para ganhar mais densidade empírica a perceber estes conceitos que auxiliam a compreender os processos sociais, descii ao campo empírico e mantive um diálogo com os moradores e estudantes, registrando fatos e discursos que considerei relevantes.

Antes de todo o trabalho de campo, Malinowski (1978:21) aconselhou aos pesquisadores sobre os três itens que deve ter em mente ao descer no campo para a realização da pesquisa empírica. Transcrevo esses itens que considero muito importantes de ressaltar porque me identifiquei com eles nesta pesquisa:

– “Em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objectivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia”;

- “Em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efectivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos”¹;
- “Finalmente, deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas”.

Bronisław Malinowski (1978) também mostra o porquê um pesquisador deve descrever os passos dados durante a investigação. Ainda fez uma comparação com os pesquisadores da área das exatas, no seguinte trecho:

Antes de prosseguir com a descrição [...] será conveniente fazer uma descrição dos métodos utilizados na recolha do material etnográfico. Em qualquer ramo do conhecimento, os resultados de uma pesquisa científica devem ser apresentados de maneira totalmente neutra e honesta. Não ocorreria a ninguém fazer uma contribuição experimental no âmbito da ciência física ou química sem dar conta detalhada de todos os passos das experiências que efectuou, uma descrição exacta dos instrumentos utilizados, da maneira como as observações foram conduzidas, do seu número, da quantidade de tempo que lhe foi dedicado e do grau de aproximação com o qual cada medida foi realizada. Nas ciências menos exactas, como na Biologia ou na Geologia; isto não pode ser feito de forma tão rigorosa, mas qualquer estudioso fará o seu melhor de maneira a fornecer ao leitor todas as condições em que as experiências ou observações foram efectuadas. Lamentavelmente, na Ebiografia, onde a apresentação desinteressada dessa informação se torna talvez ainda mais necessária, isto nem sempre tem sido devidamente explicitado e muitos autores limitam-se a apresentar os dados adquiridos, fazendo-os emergir, perante nós, a partir da mais completa obscuridade, sem qualquer referência aos processos utilizados para a sua aquisição (MALINOWSKI, 1978, p. 18).

Neste sentido, sentimos a responsabilidade de apresentar aos leitores os métodos aplicados para atingir esses resultados que abaixo são formalizados/descritos para concretizar as etapas dessa pesquisa. De forma geral são recorridas duas formas:

1) as fontes bibliográficas e informações documentais. Para as fontes bibliográficas são considerados os livros, revistas, dissertações de mestrado, teses doutorado e pesquisas

¹ Destaca-se que a linguagem utilizada por Malinowski está vinculada ao contexto de sua época, onde a sociedade era denominada por e dividida em “nativos” e “brancos”. Ou seja, importante considerar o contexto colonial do início do século XX em que os europeus “brancos” ocuparam terras longínquas, originais de populações autóctones, os “nativos”, e, segundo o paradigma da antropologia da época, a pesquisa deveria ser feita somente com as populações locais, entendidas como diferentes das europeias. Nesse sentido, a recomendação é que o pesquisador se afaste daqueles que são seus iguais (ou seja, Malinowski era europeu como os outros brancos). No caso desta pesquisa, esta citação está sendo interpretada como um conselho para que haja uma aproximação aos que são eleitos os interlocutores centrais da pesquisa.

em outras páginas da internet ligadas à área das ciências humanas (principalmente fontes que conceituam ou falam da interação e integração intercultural).

2) o trabalho de campo no qual tive a oportunidade de entrar em contato direto e ter acesso às informações a partir dos estudantes “nacionais” x “internacionais” e os habitantes de Redenção e Acarape. Por meio dele, foi possível obter informações sobre outras experiências que envolvem as relações pessoais e integração desses estudantes. No campo, foi utilizado método da pesquisa qualitativa – descritiva, que tem como foco principal observação, entrevista, a recolha de dados e suas interpretações para obtenção de clareza sobre a forma como a integração está acontecendo.

De forma geral, as entrevistas e observações foram boas, ocorreram de forma tranquila e equilibrada ao longo da primeira e segunda etapa dessa investigação acadêmica no campo. Houve certas dificuldades, que não comprometeram o trabalho. A pesquisa de campo teve como objetivo buscar entender como se deu a adaptação e as relações culturais e sociais desses estudantes nos lugares onde eles convivem, partindo de suas narrações explicando como são suas experiências em um novo clima de relacionamento.

Os métodos aplicados nas entrevistas são simples que facilitam os informantes a darem informações com mais segurança. As entrevistas ocorreram em forma de diálogo normal – (conversando com interlocutores). A eles foi dada a escolha de falarem de forma natural e livre, até com piadas. Essa forma permitiu chegar a um resultado satisfatório, apesar de, nos primeiros contatos com os informantes, a maioria não se sentiu totalmente à vontade para se expressar. E em termo de relação com os interlocutores, não consegui estabelecer relação fortes com todos, mas com a maioria efetivou a relação. Quando a relação do pesquisador com os pesquisados quebrar as barreiras do estranhamento o processo de pesquisa torna mais fácil.

Sendo assim, as entrevistas foram conduzidas em diversos lugares e em alguns meios de comunicações sociais, tais como: nas casas dos entrevistados, na universidade (campus dos Palmares, campus da Liberdade, nas Auroras e algumas entrevistas via internet – facebook e WatsApp). Enviei as questões e os informantes responderam pelo facebook ou WhatsApp.

Antes de começar as entrevistas, participei nas diversas atividades institucionais relacionadas à integração e a outros assuntos tais como: (projeto e grupos de pesquisa,

atividades do dia da independência de alguns países, danças e teatros, oficinas, etc)². Nesses momentos, tive algumas oportunidades de entrar em contato com diferentes pessoas (estudantes e professores), criando vínculos das amizades com elas. Isso posteriormente me ajudou na seleção de um número reduzido de pessoas para as entrevistas. Então, consegui selecionar um grupo de onze (11) pessoas de diferentes nacionalidades, diferentes gêneros e diferentes opções sexuais, com quem conversei sobre as suas trajetórias, suas percepções da integração na Unilab e nas comunidades de Acarape e Redenção. São onze (11) pessoas entrevistadas diretamente, além dos que participaram indiretamente (isso aconteceu mais com estudantes timorenses e moradores da cidade de Acarape). Esses entrevistados são de cursos diferentes na Unilab. Também escolhemos pluralizar as nacionalidades, raça, gênero e opção sexual.

Denomino-os de “Narradores” por escolher manter em anonimato os seus nomes. Ou seja, respeitando as normas da divulgação das falas dos entrevistados, não serão apresentados ou identificados os nomes reais destes narradores selecionados. O perfil de cada um com uma pequena biografia pode ser encontrado no Anexo-1 deste TCC. Os moradores das duas cidades entrevistados estudam em diferentes faculdades. Para estudantes entrevistados tanto nacionais como internacionais a maioria possui outras formações técnicas e superiores em outras instituições. Alguns trabalham e outros não trabalham, o que tornou mais confiável a escolha desses entrevistados para falar sobre essa temática da integração dentro e fora da Unilab. Um outro motivo para a escolha desses foi o fato de mostrarem interesse pela pesquisa e serem pessoas com uma visão crítica-construtiva da Universidade. Também considero que eles são exemplo para integração, ao interagirem quase com todos, sem distinção.

Nos relatos desses entrevistados podemos enumerar os seguintes temas: i) a curiosidade de conhecer o outro e sua cultura; ii) a língua como uma dificuldade na hora de passar mensagens, como também um fator que impede a integração; iii) integração é conhecer e respeitar as diferenças; iv) falta de transparência e falsidade na distribuição

² Uma das atividades que acreditamos que merece destaque para esta pesquisa aconteceu na Unilab em junho de 2016. Trata-se do Festival das Culturas realizado pela instituição (Pró-Reitora da extensão, arte e cultura – PROEX) com o tema: Vozes de África, Vozes do Brasil. Para esse festival, foram convidados grupos de diferentes categorias de PALOP, Brasil e um grupo de estudantes timorenses na Unilab que fizeram uma bela apresentação da dança do Timor. Essa atividade não esteve limitada só à comunidade acadêmica, mas observei que havia uma grande presença da comunidade externa que teve a oportunidade de vivenciar e conhecer um pouco a “cultura dos estudantes estrangeiros”. A segunda atividade foi o projeto de extensão que teve como tema: “As vozes d’África” com o objetivo de divulgar a cultura africana no Maciço do Baturité.

de bolsas internas; v) pouca interação entre estudantes internacionais com os moradores de Redenção/Acarape (esse fator precisa mais de tempo para aprofundar nessa pesquisa e ter um dado mais seguro). vi) disputa vigente entre estudantes internacionais.

Como sabemos, esses onze narradores não são um todo de estudantes e moradores de duas cidades selecionadas para explicar ou analisar se a integração está ou não está acontecendo. Mas acredita-se que esses onze interlocutores fazem parte desse ambiente, vivenciam tanto as felicidades, as alegrias, como também vivenciam as infelicidades e as indiferenças nas experiências diárias da integração na Universidade e fora dela.

Neste sentido acreditamos que os dados recolhidos a partir dessas pessoas “provavelmente” são credíveis. Apesar de estarmos conscientes que podem conter interesse e intenções pessoais ou coletivas na narração que podem desviar da realidade. Como demonstra Daniela Manica em sua obra chamada “*Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência*”. Ela considera que a “autobiografia, em lugar de uma série de entrevistas, ou de outras narrativas [...], implica levar em conta a sua própria intenção em contá-la”, (MANICA, 2010, p. 73). Em uma citação ainda sobre esse mesmo assunto, Manica referiu-se ao trabalho de Marcus, 1995, que considera que as

Histórias de vida revelam justaposições de contextos sociais através de uma sucessão de experiências individuais narradas, que podem ser obscurecidas no estudo estrutural de processos como esses. Elas são guias potenciais para a delimitação de espaços etnográficos dentro de sistemas moldados por distinções categóricas que podem tornar esses espaços invisíveis, (MANICA, 2010, *apud*, MARCUS, 1995, p. 72).

Nesse sentido, ao considerar estas entrevistas estamos cientes de que podem estar sujeitas à obscuridade na intenção de conta-las. No entanto, nessas afirmações, encontram-se informações que discorrem sobre a realidade que esse universo estudantil provoca a, moradores, professores, técnicos em seu cotidiano. Trata-se de experiências pessoais ou de memórias do que aconteceu e pode se repetir. Apesar delas não serem excetos das afirmações acima citadas (a intenção em conta-las). Mas acredita-se que esses são dados próximos da realidade desse universo. E antes de tudo, faremos uma análise que pode ajudar a aproximar nos das verdades, a partir das observações participantes e interpretações.

Por outro lado, pode-se afirmar que de acordo com os dados recolhidos diretamente através das observações nas palestras, atividades culturais e sociais, conversas com moradores, estudantes e observações particulares nos mesmos círculos (Unilab e duas cidades) existem muitas semelhanças se comparados às entrevistas formalmente feitas. Já colocando em destaque, a percepção que se tem, é que ao longo das entrevistas a maioria, não quer falar propriamente sobre os aspectos que determinam os conflitos na inter-relação entre ambas as partes. Preferem falar por alto a respeito disso. Essa dificuldade em abordar diretamente algumas questões torna esta pesquisa instigante e desafiadora.

O motivo de escolha dessas duas cidades para pesquisa se deve não somente pelo motivo de que agregam um número maior dos estudantes (nacionais X internacionais), mas também por serem as cidades onde estes estudantes passam mais tempo relacionando-se uns com os outros ou coletivamente entre si e com os cidadãos receptores dessa massa – os estudantes. Por um lado, a escolha da cidade de Redenção como elemento/cidade importante para essa pesquisa é por ser neste momento uma cidade que tem o bloco/campus principal da Universidade (UNILAB). É nesse campus que decorre quase toda a atividade cultural e social que reúne um grande número de sujeitos dessa pesquisa (universitários e moradores), diferentes grupos sociais e culturais do Maciço do Baturité e cidades circunvizinhas. Por outro lado, a escolha da cidade do Acarape é por causa da cidade ter recebido um grande número de estudantes internacionais e nacionais. E em especial, justifica-se também por essa pesquisa, apesar de ter uma discussão mais virada para a Unilab, nasceu na Praça Matriz da cidade do Acarape (como foi detalhada no começo dessa introdução). O motivo da escolha da Unilab deve-se por ser espaço especial de encontro dos estudantes para a realização dos seus deveres, refeições e exercícios acadêmicos, sociais e culturais.

No entanto, vale ressaltar que existem vários e inúmeros estudantes nacionais e internacionais, professores e um incontável número de moradores das duas “pequenas cidades” escolhidas e referenciadas acima para ser campo desta pesquisa. Mas decidimos escolher um número menor (amostragem) de onze pessoas em especial para realização das entrevistas.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado a analisar as Diretrizes da Unilab e explicar como a integração foi proposta pela

instituição. Como sabemos hoje esse assunto está sendo uma das maiores discussões da universidade e sua origem está ligada às metas traçadas pela instituição. O segundo capítulo é o mais amplo e a atenção especial do trabalho se voltou para as relações sociais dos estudantes “nacionais” *versus* “internacionais” e a comunidade de Acarape e Redenção. Procuro observar na relação entre estudantes e os marcadores a diferença que emergem entre “estudantes internacionais” e “estudantes nacionais”, entre os estudantes internacionais entre si, e nos aspectos sobre a sexualidade, a raça e outros modos de distinção, e até de exclusão e marginalização. Os dados de campo permitem iniciar a percepção das relações construindo diferenças e a forma como os sujeitos criam limites sociais na interação – uma inspiração que veio de Frederik Barth (1976). Assim, de forma geral, os resultados foram apurados diretamente de onze (11) estudantes de diferentes nacionalidades e moradores (estabelecidos) de Acarape e Redenção relatando sobre as suas experiências vivenciadas com as diferenças, com o que percebem como diferença. Eles mostram que para sanar as tensões na relação entre nacionalidade é necessário que a universidade tenha o debate, como um instrumento que vai permitir que as informações sejam passadas para ambas as partes (todos os envolvidos). E consideram o respeito como o fundamental na *integração*.

No terceiro capítulo apresenta-se um exercício de reflexão sobre a *integração*. Proponho que não é a integração, mas o sujeito dessa integração que constitui o tema geral desta pesquisa. Assim, procurarei responder à pergunta sobre se a integração está acontecendo na Unilab, entendendo que nem todos os problemas de integração têm o mesmo sentido e bases imutáveis, mas sim que se alteram de lugar para lugar. Nesse sentido, farei uma análise do que é a *integração* e qual a sua relação com as diferenças encontradas em campo.

CAPÍTULO I

A INTEGRAÇÃO E AS DIRETRIZES DA UNILAB

1. A integração e as Diretrizes da Unilab

A negação da existência da integração na Unilab é um fato real e atual da comunidade acadêmica. De toda a forma, essa negação não surgiu por acaso, deve ter um lugar onde é proposta para dar sentido a essa crítica de sua inexistência. Neste sentido, o presente capítulo tem como objetivo analisar as diretrizes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB no que diz respeito à integração (como é proposta). Acha-se interessante a análise dessas diretrizes, porque entende-se que são os fios condutores que nos guiarão para compreensão do assunto a seguir (a integração) que vai ser discutido ao longo de todo esse capítulo. Considerando a integração como é proposta no título e objetivos traçados a alcançar, em primeiro é necessário saber como e onde surgiu? E o porquê dessa discussão que rodeia o mundo acadêmico da Unilab? Então as diretrizes seriam um bom ponto de partida para tal busca (a integração está ou não está acontecendo).

Neste sentido, para falar da integração dos estudantes entre si e entre eles e as comunidades onde residem, é preciso primeiro contextualizar, onde surgiu essa ideia da integração que hoje é criticada quase por toda comunidade acadêmica. Para tal, essa análise se foca nas diretrizes da Unilab como sendo a fonte de informações básicas sobre o que é a Unilab e como foi pensada a integração para as diferentes nacionalidades e outras (o que nos interessa nessa análise é integração intercultural entre nacionalidades) que ali se encontram. No entanto, neste trabalho procura-se compreender como foi postulada a integração de acordo com as diretrizes da Unilab. O capítulo está subdividido em quatro pequenas partes. Sendo a primeira faz uma reflexão sobre (análise) d/as diretrizes, a segunda parte tenta-se enquadrar a criação e localização, a terceira discorre um pouco sobre a missão que a Unilab se deve e a última parte (quarta) focaliza-se na proposta da integração.

1.1. Análise das Diretrizes da Unilab

Analisar as diretrizes de uma instituição, de um projeto ou de qualquer organização é procurar conhecer os caminhos/guias que essa instituição deve ou deseja percorrer para atingir um certo objetivo. Neste sentido, analisar as diretrizes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB é buscar conhecer as linhas que regulamentam o traçado dos caminhos que essa instituição do ensino superior deve ou deseja seguir. Como denota a importância da construção deste documento chamado Diretrizes nos anos 2008-2010, na seguinte citação:

Este documento tem por objetivo apresentar, em linhas gerais, como a Comissão de Implantação da UNILAB compreende estes desafios. As páginas iniciais trazem a missão e objetivos da universidade e explicitam suas diretrizes e princípios político-acadêmicos, os quais foram constituídos por meio da identificação das demandas de formação de uma universidade do futuro, aliadas à perspectiva da cooperação solidária com países de língua portuguesa. E, em seguida, são apontados os desdobramentos destes princípios na estrutura e organização da instituição, delineando os espaços e a proposta de desenvolvimento das atividades acadêmicas (**DIRETRIZES**, 2010, p. 6).

A UNILAB é uma instituição que visa criar um intercâmbio internacional sociocultural no quadro da educação superior integrando os Países de CPLP. Essa integração no âmbito da educação visa contribuir no desenvolvimento sustentável dos países membros da CPLP principalmente os países africanos em especial os PALOP – Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa e Timor Leste na formação de novos quadros em diferentes áreas profissionais de níveis superiores para atenderem as demandas dos seus Países e do Brasil, (**DIRETRIZES**, 2010). Antes da criação da UNLAB e os cursos que ali são ministrados, foram feitas as pesquisas em diferentes áreas do interesse de ambos os países parceiros da UNILAB.

Durante dois anos da pesquisa foram detetadas as demandas e os temas de estudos foram elaboradas de acordo com as demandas detetadas em comum como se segue neste link: www.unilab.edu.br/como-surgiu/. Em resposta a estas demandas, os cursos que estão sendo ministrados na Unilab são das áreas tidas como estratégicas e prioritárias para o desenvolvimento sustentável dos respectivos países (**DIRETRIZES**, 2010).

Nesta análise, atenção especial foi dada a proposta da integração que a Unilab na Diretrizes propostou para os sujeitos que constituem essa instituição federal. Então, é examinada em primeiro lugar, os aspetos que influenciou decisivamente no surgimento dessa Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e sua localização. Em segundo lugar é analisada a finalidade da, ou, aliás, a Missão que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira surgiu para cumprir e ultimamente é centralizada a atenção na proposta da integração que é o interesse principal dessa análise. Esse último ponto busca enquadrar o leitor na proposta da integração pensada pela Unilab. E por um lado, tenta problematizar essa questão se está acontecendo a integração ou não entre as nacionalidades que se encontra no mesmo espaço universitário no caso aqui da UNILAB e nas cidades de Acarape e Redenção.

1.2. Criação e localização da Unilab

Considerando em primeiro lugar a criação dessa instituição criação da Universidade da Integração Internacional da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira deve se em primeiro lugar as demandas da cooperação solidária, cumprimentos das diretrizes internacionais da educação, fortalecimento dos laços políticos e culturais com os países africanos, sobretudo os Países Africanos da Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que são 5 (cinco), a saber: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe. Segundo as Diretrizes explicam que a criação da Unilab,

[...] está inserida, portanto, no contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação Sul-Sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental (**DIRETRIZES**, 2010, p. 5 - 6).

Ainda o Maurício Gurjão Bezerra Heleno em sua dissertação de mestrado intitulada “*a política externa do governo Lula: a experiência da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira*” fomenta que a Unilab é uma universidade “federal” de caráter Internacional, criada para fortalecer a cooperação e laços de relações culturais e políticos que o Brasil tem com a África desde momento que os colonizadores portugueses iniciaram tráfico humano de africanos para diferentes continentes, principalmente continente americano. Nesse período muitos africanos foram trazidos para o Brasil, assim afirma o Heleno:

A criação da Unilab, instituição acadêmica de matriz internacional, concebida à base da cooperação, contribui para aprofundar esses laços, além de oferecer um rico laboratório para a compreensão das relações do Brasil com os países africanos de língua oficial portuguesa. (HELENO, 2014, p.14).

Por outro lado, este aspeto da criação da Unilab é no âmbito da política internacional da criação das instituições acadêmicas superiores viradas para cooperação, intercâmbios culturais e sociais entre os países em desenvolvimento (DIRETRIZES, 2010). Para o Heleno, a Unilab foi gerada num “contexto em que a educação superior passa, cada vez mais, a ser interpretada como mecanismo de promoção da integração e da cooperação entre países e seus respectivos sistemas educacionais de ensino” (HELENO, 2014, p.105). Ainda para este autor, a criação dessas instituições são ferramentas de inclusão social em face de crise econômica que assola o mundo.

Num segundo ponto, a criação da Unilab em 2008 – 2010, tem a ver com fatores internos da interiorização da educação superior e desenvolvimento das regiões menos desenvolvidas e carentes. Neste caso, “destacam-se o Plano Nacional de Educação/PNE (período 2000-2010), o Plano de Desenvolvimento da Educação/PDE 2007” (HELENO, 2014, p.107). Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, que é um programa que o governo brasileiro criou em 2007, com finalidade de expandir e “interiorizar” as instituições públicas federais de educação superior, capazes de promover o desenvolvimento e construção de infraestruturas. Criações dessas instituições tem como objetivo principal descentralizar o ensino superior das grandes cidades para todos terem acesso principalmente no interior dos estados brasileiros e por um lado, proporcionar o desenvolvimento dessas regiões polos (DIRETRIZES, 2010). Mediante este programa (REUNI) o governo pretende também ampliar mais instituições federais existentes e criar novas instituições acadêmicas federais ou, aliás, com base nesse programa, o Governo ampliou antigas universidades federais e criou/construiu novas. Segundo (HELENO, 2014, p.107), referiu a fala do Ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva afirmando que “Orgulho-me de ter criado 14 novas Universidades Federais, dentre elas a Unilab, e 126 extensões universitárias, nas mais diversas regiões do país, democratizando e interiorizando o acesso ao ensino superior”. Essa fala do ex-presidente confirma o plano da REUNI explicado acima.

Essa extensão e criação das universidades têm como propósito duplicar número de estudantes matriculados em cursos superiores num prazo de dez anos. Dando o

acompanhamento através dos programas de assistência estudantil (auxílios) que sustente estes estudantes. Outro fator interno que tem a ver com a criação dessas instituições nas cidades-polos/regionais é ajudar essas regiões carentes a sair das situações precárias em que se encontram para alcançar o desenvolvimento “social, econômico e de infraestruturas” (**DIRETRIZES**, 2010).

Neste segundo momento falaremos da instalação e a escolha da cidade de Redenção para construir edifício principal da Unilab: Segundo Heleno (2014), a escolha da cidade de Redenção para sediar a Universidade Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira não era fácil devido à disputa que teve lugar no **Congresso Nacional**. O estado da Bahia que é estado com maior número de negros declarados no Brasil “pressionou” para que essa universidade fosse instalada lá na Bahia, devida essa massa da população e cultura negra existente naquele estado situado ao sul da região Nordeste (brasileiro). Ainda este autor afirma que a instalação de um campus da Unilab no estado da Bahia talvez tenha a ver com tal disputa acima referida. Ceará foi escolhido por ser um estado mais carente das universidades federais e por outro lado, tem um marco histórico nacional do pioneirismo na libertação do povo escravizado, como aponta nas Diretrizes que,

[...] a instalação da UNILAB na cidade de Redenção, no Ceará, marco nacional por seu pioneirismo na libertação de escravos, não representa apenas o atendimento das metas do REUNI em seu objetivo de promover o desenvolvimento de regiões ainda carentes de instituições de educação superior no país - como é o caso do Maciço do Baturité, onde será instalada (**DIRETRIZES**, 2010, p.5).

Ainda, no que diz respeito a este assunto, segundo a fala do Ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva referenciado por Heleno, declara que a escolha do estado de Ceará tem a ver com a maior desigualdade e menor desenvolvimento, como diz Lula na seguinte afirmação que:

Decidimos sediá-la na região Nordeste, onde são maiores em nosso país as marcas da desigualdade e os desafios do desenvolvimento. [...] No campus de Redenção repousam os valores de liberdade, justiça e igualdade que inspiram o projeto da Unilab. Aqui começou o resgate de uma dívida secular com os povos africanos (**HELENO**, 2014, p. 15).

Portanto, a escolha de Redenção ou, aliás, Ceará justifica-se não apenas pelo seu pioneirismo da libertação dos escravos, mas também pela desigualdade social elevada, falta de instituições federais acadêmicas, um dos estados menos desenvolvidos, esta

situação não é apenas do estado de Ceará, mas o Nordeste como mostra **(HELENO, 2014, p. 14)** que “o Nordeste brasileiro, região do país mais afligida pela pobreza e desigualdade social”. Então, a Unilab direcionada a ajudar nos pontos frisados acima. Outro fator relacionado a escolha de Redenção representa grande simbolismo de abolição da escravatura em 1883, onde foram libertos cerca de 116 homens e mulheres. Por este simbolismo, até os campus têm os nomes históricos que representa esta vitória dos povos escravizados. Primeiro o campus da Liberdade, que representa pessoas libertas das correntelas dos colonizadores, o campus dos Palmares em representação do Zumbi dos Palmares, campus das Auroras e Malês no estado da Bahia que representa a revolta dos Malês mobilizado pelos escravos de origem islâmica, ocorrida na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835 na cidade de Salvador-Bahia. Para Heleno, 2014, (p.14), isso “denota a dimensão simbólica desse projeto”. Mais adiante ele fomenta que,

A escolha do município de Redenção para sediar o primeiro campus da Unilab tem um forte simbolismo para esse projeto. Foi aqui, na antiga Vila de Acarape, que 116 homens e mulheres foram libertos da escravidão, em 1º de janeiro de 1883, antecipando em 5 anos o fim daquela prática abominável em território brasileiro. Os abolicionistas de então – José do Patrocínio, Antônio Tibúrcio, Liberato Barroso, Justiniano de Serpa, dentre outros – presidiram aquele gesto redentor, quando a cidade adotou seu nome atual e se projetou como vanguarda da liberdade no Brasil. No campus de Redenção repousam os valores de liberdade, justiça e igualdade que inspiram o projeto da Unilab. Aqui começou o resgate de uma dívida secular com os povos africanos. **(HELENO, 2014, p.112).**

Entretanto, atendendo as diretrizes do MEC da interiorização, a Unilab tem o campus principal na cidade de Redenção, localizada na região do Maciço do Baturité, junto a Serra de Guaramiranga, no estado do Ceará. Situada a 72 km² de Fortaleza, capital do estado de Ceará **(DIRETRIZES, 2010).**

Nessa região a Unilab tem três campus: 1º) campus da Liberdade na cidade de Redenção, primeiro bloco administrativo, localizada a 60 km² da capital Fortaleza; 2º) campus dos Palmares no Município de Acarape, situada a 57km² da capital Fortaleza e 3º) campus das Auroras. É atual bloco administrativo (em construção) da universidade, situada entre meio da cidade de Redenção e Acarape. O quarto campus está localizado em São Francisco do Conde (Estado da Bahia), “provavelmente em razão das pressões feitas pela Bahia durante as discussões no Congresso Nacional” **(HELENO, 2014, p. 113).** ‘Localizada a 67 km² da capital, fazendo parte da região metropolitana de Salvador’.

Logo no seguinte subitem veremos o papel que essa instituição acadêmica tem para executar ao longo de sua existência.

1.3. Missão da Unilab:

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como foco institucional específica formar recursos humanos capazes de contribuir com a integração e desenvolvimento entre Brasil e CPLP (DIRETRIZES, 2010; INSTITUTO LULA, 2012; PÁGINA DA UNILAB; HELENO, 2014). Neste sentido, a Unilab se dedica em capacitar as pessoas em diferentes áreas de formação, de modo que essas possam estar preparadas em dar respostas em suas respectivas áreas de formação, sem pôr de lado os valores culturais. Como afirma:

Produzir e disseminar o saber universal de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países de expressão em língua portuguesa - especialmente os africanos, estendendo-se progressivamente a outros países deste continente - por meio da formação de cidadãos com sólido conhecimento técnico, científico e cultural e comprometido com a necessidade de superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente (DIRETRIZES, 2010, p.12).

Referentemente ainda sobre a missão que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem, o Instituto Lula afirma numa entrevista com o primeiro reitor da Unilab (Paulo Spiller), que:

[...] a Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como missão formar pessoas para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais estados membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP, especialmente os países africanos e Timor-Leste. Com foco no ensino superior, no desenvolvimento de pesquisas e na extensão universitária, ela busca promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional (INSTITUTO LULA, 2012).

Tendo esse foco especificado de formar quadros para contribuir com integração, a Unilab se dedica na promoção do desenvolvimento com base na “produção e disseminação do conhecimento” atendendo as necessidades dos países envolvidos no projeto por meio da formação e de pesquisa nas áreas de prioridade (beneficiando logo a primeira a região do Maciço do Baturité). Formando quadros que contribuirá com o desenvolvimento dos seus respectivos Países e do Brasil. Esta formação ocorrerá com

base no respeito à cooperação solidaria, ao pluriculturalismo e as distintas identidade que ali se encontram (**DIRETRIZES**, 2010).

Portanto, a Unilab busca tornar centro de referência e integração agregando as culturas da comunidade dos países da língua oficial portuguesa – CPLP. Por meio da ciência e cultura, a universidade pretende criar o “espaço de cooperação, de acúmulo e de transferência recíproca de ciência e tecnologia, intercâmbios, culturas e promoção do desenvolvimento sustentável” (**DIRETRIZES**, 2010, p.10). Ainda por meio da ciência e cultura a Unilab pretende construir ponte que contribui com o seguinte:

- Em primeiro lugar, cumprimento do plano interno do governo brasileiro para a expansão e interiorização do ensino superior. Noutro vertente, essa interiorização não contribuirá somente com formação acadêmica, mas também com o desenvolvimento das regiões mais carente. Assim vale ressaltar que a política da interiorização do governo brasileiro, é a oportunidade que o povo do interior está tendo para beneficiar da formação superior, do desenvolvimento econômico e de infraestrutura. Acima de tudo benefício da formação dos profissionais com competências sociais e interpessoais, competências na área da educação permanente, formação de valores humanísticos com postura reflexiva e analítica “sobre a dimensão social e ética envolvida em questões relacionadas à diversidade étnico-racial, cultural, geracional, de gênero, classes sociais, orientação sexual, dentre outros” (**DIRETRIZES**, 2010, p. 33).

As ações da política da interiorização buscam construir vínculos estreitos com a realidade específica das regiões onde está localizada a universidade – Maciço do Baturité (CE) e Recôncavo baiano (BA). No caso da Unilab, ela tem uma perspectiva mais estendida dando também a oportunidade a CPLP mais para fortalecimento dos laços culturais e cooperação solidária, como foi afirmado no seguinte trecho das diretrizes:

A UNILAB está inserida, portanto, no contexto de internacionalização da educação superior, atendendo à política do governo brasileiro de incentivar a criação de instituições federais capazes de promover a cooperação Sul-Sul com responsabilidade científica, cultural, social e ambiental. Atuando na perspectiva da cooperação solidária, ela valorizará e apoiará o potencial de colaboração e aprendizagem entre países, como parte do crescente esforço brasileiro em assumir compromissos com a integração internacional no campo da educação superior (**DIRETRIZES**, 2010, p. 5 – 6).

- Em segundo, a cooperação solidária sul-sul (internacional), fortificando laços

políticos especialmente com a África Lusófona e mais tarde o projeto pretende estender relação com outros países africanos. Essa cooperação internacional que a Unilab vem cumprindo e que influenciou na sua criação está virada para política de cooperação solidaria e intercâmbios internacionais na área da educação universitária. Essa Mobilidade na área do ensino superior permite e facilitará a realização das cooperações entre os países e ajudar os menos desenvolvidos a saírem da crise para o desenvolvimento. Como declara nas Diretrizes que a realização da cooperação no ensino superior é tema do consenso de todos líderes mundiais para o desenvolvimento, nas reuniões internacionais da UNESCO e outras (mais adiante serão detalhados). No entanto, os líderes da CPLP não ficaram de fora, como demonstra:

A cooperação entre instituições de Educação Superior é tema de consenso entre autoridades do mundo inteiro. Nesse sentido, os ministros de educação dos Estados Membros da CPLP registraram em encontros realizados no âmbito desta Comunidade que convictos de que o intercâmbio entre instituições de ensino superior é uma das formas mais profícuas de estímulo ao desenvolvimento científico, tecnológico e cultural dos Estados membros; devem ser estimulados o a) Intercâmbio de docentes e pesquisadores para a realização de cursos de pós-graduação em instituições de ensino superior; b) Intercâmbio de missões de ensino e pesquisa, de docentes e pesquisadores, de curta ou longa duração, com vista ao desenvolvimento do ensino de pós-graduação; c) Troca de documentação e publicação dos resultados das pesquisas realizadas conjuntamente; d) Elaboração e execução conjunta de projetos de pesquisa (INSTITUTO LULA, 2012, s/p).

Complementando com o Instituto Lula, as Diretrizes da Unilab denotam que,

[...] ao fomentar e concretizar a cooperação Sul-Sul, atende a diretrizes internacionais que apontam tanto a importância de ampliar a oferta de cursos superiores em regiões carentes, quanto de ampliar as relações de cooperação com o continente africano (UNESCO, 2009)... E, ainda, capaz de auxiliar no fortalecimento de uma rede internacional que, com respeito à soberania dos países sobre seus próprios destinos, permitirá a realização de ações e intervenções de apoio técnico, acadêmico e humanitário (**DIRETRIZES**, 2010, p.17).

A Unilab assume os compromissos no que tange com a política de cooperação e intercâmbios internacionais na área da formação superior, isso porque teve vários encontros entre líderes da educação superior de quase todo mundo. Em diferentes ocasiões e lugares estes assinaram acordos em diferentes aspetos da educação. Por exemplo, na primeira “Conferência Mundial do programa da educação para todos” realizado em Tailândia no ano 1990 na cidade de Jomten. Cerca de 155 países representados pelos seus líderes comprometeram que vão promover a educação para

todos até ao ano 2000. Infelizmente, no fórum mundial realizado em Dakar, foi adiado por mais 15 anos, o compromisso tomado em Jamten que era até 2000 – promover a educação para todos. Então, ali foram traçados metas e estratégias para atingir os objetivos até 2015, (**DIRETRIZES**, 2010). Esses acordos e outros impactaram no que diz respeito referente ao surgimento e a missão da Unilab.

Além desse compromisso, a partir da página 17 até 21 das diretrizes da Unilab mostra diferentes tipos de encontros internacionais promovidos na área da educação em diferentes países. Nestes encontros estabeleceram uma conexão direta entre educação e desenvolvimento. Assim associando desenvolvimento a educação e cooperações os líderes mundiais assumiram compromisso de melhorar a educação e por meio dela promover interações internacionais e intercâmbios que auxiliam para desenvolvimento mundial.

Dentre os compromissos adotados nesses encontros vale ressaltar a declaração de Abuja que,

[...] adotada na Primeira Cúpula América do Sul-África (ASA) realizada na Nigéria, em 2006. A declaração faz menção específica ao papel da educação para o desenvolvimento e apela à adoção de programas de intercâmbio e de cooperação, nomeadamente por meio da formação de universidades e instituições de ensino e de investigação inter-regionais (**DIRETRIZES**, 2010, p. 18 – 19).

- Em terceiro lugar, por meio do ensino superior, a Unilab empenha na restauração dos laços culturais, históricos e políticos que o Brasil tem com a África desde o primórdio da colonização portuguesa nas terras africanas e americanas (principalmente a partir de tráfico de escravo). A Unilab busca em especial “[re] construir uma ponte histórica e cultural entre Brasil e países de língua portuguesa, maioritariamente os da África, capaz de buscar e compartilhar soluções inovadoras para processos históricos similares” (**DIRETRIZES**, 2010, p.17, *negro meu*). E por um lado ela busca abrir caminhos para uma sociedade mais justa, igualitária, social e culturalmente, e, entre outras missões que repousam sobre os ombros dessa Universidade.

Apesar de ter como missão principal formar quadros com qualidade técnica e política, aptos e compromissados com a integração dos Estados membros da CPLP, a Unilab não perde de vista a política cultural, plurilinguístico e étnico das diversidades que a compõe. Diante disso, a UNILAB enquanto instituição do ensino superior

“buscará ser local de estudo e difusão das culturas dos países parceiros, respeitando e valorizando suas identidades e diversidades culturais por meio de práticas e vivências sociais, culturais, esportivas e artísticas” (**DIRETRIZES**, 2010, p. 34).

Nestas perspectivas conclui que a missão da Unilab se resume em dois grandes aspectos – atendimento da demanda interna (expansão e interiorização) e atendimento das demandas externas voltadas para o desenvolvimento interno (cooperação solidária e cooperação sul-sul). Aplicando educação como meio facilitador desse processo de cooperativo.

1.4. Integração como proposta da Unilab

Entre várias perspectivas tanto nacionais e internacionais a UNILAB (universidade internacional) se dedica por um lado, em preparar os quadros capazes de contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da CPLP. Por outro lado, essa integração visa revitalizar as relações políticas e culturais, com o objetivo de reconduzir as culturas afro-brasileiras ao reencontro da matriz das suas origens (**DIRETRIZES**, 2010).

Neste sentido, a integração no contexto da Unilab é de suma importância tendo em conta a heterogeneidade que a constituem enquanto espaço de produção de conhecimentos a partir dessas diversidades culturais. Assim sendo, para fazer esse plano da integração e cooperação funcionar, a Unilab é responsável para trazer 50% dos estudantes oriundos dos PALOP e Timor-Leste na Ásia e 50% dos estudantes nacionais. Como indica nas diretrizes:

A fim de concretizar sua proposta, metade dos estudantes será composta por jovens residentes no Brasil; a outra metade será selecionada por meio da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente africanos, e da Região de Macau (**DIRETRIZES**, 2010, p.10).

São essas diversas culturas de diferentes países que serão sujeitos da integração na universidade e nas comunidades onde residem. A seleção dos estudantes internacionais é feita nos seus respectivos países de origens através de testes escritos. A seleção dos estudantes nacionais é feita a partir do ENEM, como é feito no Brasil. Neste caso, a universidade afirmou que os estudantes estrangeiros, terá sólido apoio dos países

“parceiros e sua formação em Redenção poderá ser completada em instituições dos seus países de origem, sendo diplomados conjuntamente por estas e pela UNILAB, obtendo dupla titulação” (**DIRETRIZES**, 2010, p.10).

O fato da existência do projeto UNILAB criou uma ponte intercontinental que liga a África, América, Europa, Ásia incluindo e permitindo uma integração intercultural entre os estudantes, docentes, técnicos administrativos de diversas origens, culturas e nacionalidades interagindo mutuamente. A Universidade proporciona a interação mais sólida que permitirá estes sujeitos aconchegar uns dos outros. Respeitando as diferenças e minimizar os olhares de estranhezas um do outro, que são normais em certo caso, isto é, nos primeiros contatos (projeção da universidade).

Para tornar real o plano da integração dos 50% dos estudantes das ambas partes, a universidade promete criar seguintes políticas de interações que vão reger toda a convivência dos sujeitos dessa integração:

- As políticas que reforcem o compromisso social da educação superior com qualidade acadêmica e inclusão social, tendo em vista potencializar a interação acadêmica na perspectiva da cooperação solidária;
- As políticas da inclusão social com qualidade acadêmica;
- As políticas de valorização da diversidade humana e de sua produção científica e cultural;
- As políticas do reconhecimento das diferenças como meio de cooperar e integrar;

Estes são alguns parâmetros colocados que a universidade deseja atingir para que as vivências possam se concretizar num clima de harmonia, evitando de constante choques que podem afetar a aprendizagem. Para Unilab, o “reconhecimento e o respeito à diversidade étnico-racial, religiosa, cultural, gênero” (**DIRETRIZES**, 2010, p. 26), será o princípio das relações de todas as diversidades na universidade. Neste sentido, questiono: porque existe falácia de que não existe a integração na Unilab? (no segundo e no terceiro capítulo, essa questão será respondida).

Ainda relativamente sobre assunto acima enumerado, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira declara que,

para atuar nessa perspectiva, a UNILAB será uma universidade residencial, permitindo a formação técnica e científica de seus estudantes, e ao mesmo tempo cultural e humanística, com base no convívio, aprendizagem e integração sócio-cultural. Em função disso, o campus contará com ampla infraestrutura para atividades científico-acadêmicas, culturais e esportivas (**DIRETRIZES**, 2010, p.10).

Segundo esta afirmação, mostra que a Unilab será residencial apesar de até agora as residências ainda não terminarem, mas ocorre de uma forma positiva a formação intelectual dos estudantes. Segundo alguns entrevistados, a integração intelectual está acontecendo, mas a integração intercultural acontece individualmente (cada pessoa integra de jeito que bem entende) ou, por outro lado não existe a integração institucional, afirmam estes.

Acima foram apresentados alguns itens, do plano da integração que a princípio é o que a universidade pretende que seja aplicado, mas até neste momento, a integração é vista por muitos estudantes, docentes e técnicos administrativos da UNILAB como aquela que não está acontecendo. Voltando a questão acima colocada sobre a integração, segundo as investigações feitas percebe-se que muitos desses sujeitos criticam a integração, porque para eles o plano que foi apresentado nas diretrizes não saiu do papel. Mas ainda bem, há uma divergências quanto essa questão cada entrevistado posicionou de acordo com o que ele “vive”. (Apesar de técnicos administrativos, servidores e docentes serem partes dos sujeitos da integração na Unilab, no trabalho, que realizei no campo não são incluídos. De preferência, trabalhei com estudantes e moradores das cidades de Acarape e Redenção. Por um lado, estes não são incluídos devido o tempo que é um pouco curto. Mas, talvez noutra oportunidade seguirei com a mesma linha da pesquisa. Ali serão incluídos ambas as partes integrantes na Unilab).

Enfim, a criação, localização e missão da Unilab se deve a questão culturais, históricos e políticos-cooperacionais e restauração ou melhor dizer o reencontro da cultura afro-brasileira com sua matriz (matriz africana). Assim pode afirmar que a Unilab foi criada por meio de três políticas fortes para responder as demandas das políticas externas de cooperações solidária e política interna de interiorização e desenvolvimento das regiões polos do Brasil sem esquecer do fator histórico-cultural que envolve ou está inserido na origem dessa universidade. É essa instituição a encarregada de promover a integração intercultural com a CPLP. Por isso que no início

nos referimos a relevância de analisar as diretrizes, pois ali se encontra o caminho para começar a responder a hipótese dessa pesquisa ou a essa discussão vigente na universidade (a integração está acontecendo ou não na Unilab).

CAPÍTULO II

**PERSPECTIVA SOBRE DIFERENÇA E CONFLITOS EMERGENTES NA
SOCIABILIDADE**

2. Perspectiva sobre diferença e conflitos emergentes na sociabilidade

Este capítulo dedica-se a discutir algumas dimensões de compreensões e interpretações sobre a integração a partir das socializações dos sujeitos dessa pesquisa. Ou seja, dedica-se a análise dos dados recolhidos dos estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB e dos moradores das cidades de Acarape e Redenção. Estas são as cidades com o maior número de estudantes tanto nacionais como internacionais – como já referi acima.

O capítulo está subdividido em seis pequenas partes onde cada subdivisão apresenta de forma não excessivamente grande ou pequena, mas apresenta o conteúdo necessário. Os conteúdos emergentes nestas subdivisões são: a questão da interação x amizade, mas tendo a ênfase na questão linguística. Se percebe que um dos fatores mais influente na interação x amizade é a língua. Mais adiante o capítulo apresenta a forma como ocorre as relações dos sujeitos dessa. Ali aparece a questão ligada a sexualidade, falta de respeito à cultura do outro, o preconceito e racismo que acontece no dia-a-dia dos estudantes e moradores dessas cidadezinhas. Segundo as entrevistas feitas com estes sujeitos, alguns destes pontos da integração – principalmente o respeito à diferença, foi o mais criticado. Para muitos não existe o respeito, ou, alias, ninguém se interessa em conhecer a cultura do outro. Um entrevistado afirma que muitos vão conhecer a cultura do outro para menosprezar. São mencionados alguns lugares chaves do encontro dos estudantes, onde se verifica uma grande separação: nas salas da aula, no ônibus, nos RUs e em outras atividades. Há a separação entre as nacionalidades em grupo: os de PALOP (agrupando em nacionalidades), os timorenses nos seus respectivos grupos e os brasileiros do mesmo jeito. Não há muita coesão e integração entre as nacionalidades, como é proposta pela UNILAB.

Respeitando cada opinião, a pesquisa explora, de forma geral, os modos pelos quais os estudantes atribuem sentido à integração e à diferença, bem como às maneiras que entendem que a universidade deve conduzir a integralidade dos estudantes interna e exteriormente na relação com as comunidades externas (Acarape e Redenção).

Assim, os dados analisados abaixo procuram entender os contextos sociais, culturais e como estão conectados com o que buscamos compreender sobre a *integração*. Neste sentido, começaremos a nossa análise dos dados partindo do que consideramos simples e necessário dentro de um quadro complexo para entender os processos de sociabilidades a partir das interações e consequentemente a produção no campo social de diferenças.

Tomaremos como ponto de partida o simples processo de amizade que compreendemos segundo ponto de vista dos narradores como processo inicial da formação dos interesses que progressivamente podem conduzir à integração.

2.1. AMIZADE E INTERAÇÃO: a dinâmica da língua com intermediadora

Este subcapítulo aborda e compreende o assunto relacionado a amizade e interação como sendo processo inicial de toda a integração, segundo a compreensão de maioria dos entrevistados, mas dando ênfase a língua como sendo a dinâmica que intermedia o exercício das duas. No contexto dos entrevistados, a língua é fundamental tanto na comunicação como também é um elemento intermediário de interação que ajuda a equacionar os conflitos (quando bem usada) e, por outro lado, pode destruir (quando mal usada) as interações.

Segundo a compreensão de muitos integrantes na Unilab, a amizade e a interação são dois aspectos que estão interligados. Por onde começar? Decidimos partir da ‘Amizade’ de mesmo jeito que podíamos começar com a interação, pois são dois aspectos muito próximos um do outro (amizade se concretiza a partir da interação e interação eficaz se estabelece com amizade).

Neste sentido, optamos por começar a análise a partir dos relatos sobre Amizades, porque percebe-se que, ao longo das falas dos entrevistados, as interações aparecem primeiro, mas com a intenção de mostrar como se deram as primeiras amizades que auxiliaram na permanência de certas interações e as tornaram eficazes. Como mais adiante veremos que alguns entrevistados declaram que as suas interações por exemplo com os moradores só se dão nas horas de compras. Ou, aliás, suas interações só são com as pessoas que eles consideram como amigos (amizades). Com

isso se questiona o que é a amizade? Como isso se dá? E qual é o lugar ou o que isso tem a ver com a integração?

Começando a responder essas inquietações, em primeiro lugar, o que é a amizade? Antes de um aprofundamento conceitual gostaríamos de fazer um breve reparo sobre a origem dessa palavra amizade. Segundo algumas definições gramaticais e significados nos dicionários, a palavra amizade provém do Latim vulgar “Amicitate” que significa sentimento fiel de afeição ou apreço ou ainda de ternura entre as pessoas (dicionário Aurélio, 8º edição). Segundo Claudia Barcellos Rezende, no artigo chamado: “Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções” ela aprofunda mais sobre essa questão de significação da palavra amizade e como se dá. Para esta autora, “a palavra ‘amizade’ em português refere-se tanto a um sentimento quanto a uma relação específica” (REZENDE, 2002, p. 69). Ela continua afirmando que no “dicionário inglês Oxford”, a conotação da palavra amizade é mais limitada a “categoria de uma relação apenas entre amigos” ou ao sentimento associado a essa relação específica. Ainda sobre o mesmo assunto, ela afirma que apesar de serem conceitos formais dos dicionários, mas elas indicam as “elaborações culturais particulares”, mostrando como o conceito de amizade pode diferir de sociedade para sociedade (REZENDE, 2002).

Assim pode entender a amizade como um ato de relação “íntima” e mutuo entre os indivíduos que convivem. Neste artigo onde retrata a amizade Claudia Barcellos Rezende, citou Allan, Paine e Suttles que definiram amizade de forma generalizada como uma “relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos]” (REZENDE, 2002, apud Allan 1989; Paine 1974; Suttles 1970, p. 69).

Quanto à origem, a amizade pode conter diversos modos ou pontos de origens, como os lugares onde as pessoas frequentam/convivem, por exemplo, campo de futebol, local do trabalho, nas salas de aulas, nas faculdades, nas festas, mas também pode surgir por acaso (REZENDE, 2002). Assim ela afirma que:

[...] a amizade pode ser vista como um contexto relacional específico, no qual são acionadas expectativas e valores muitas vezes distintos de outras relações, ela está ao mesmo tempo articulada a várias outras dinâmicas sociais. Relações amorosas, de parentesco, de trabalho são alguns exemplos de contextos que se tornam contrapontos constantes à amizade (REZENDE, 2002, p. 85).

Partindo dessa interpretação “amizade pode ser vista como um contexto relacional”. Segundo as entrevistas concedidas, muitos interlocutores mostram diversas origens de suas amizades. Elas nascem de formas diferentes, por certas interações que depois transformam numa amizade afetiva entre muitos sujeitos. Por exemplo, amizades que nascem nas redes sociais, nas salas de aulas, num grupo de pesquisa, etc.

Apesar de não ter nenhuma declaração de tensões neste processo inicial segundo os entrevistados e as pessoas que são questionadas, mas existem evidências que indicam que algumas amizades não se concretizaram ou não continuaram devido a incompatibilidades comportamentais e outros. Alguns ao afirmar que “faço amizade com quem me mostra a cara ou, seja, quem não interessa comigo eu também não ligo com ela”. Essas declarações podem não se referir direto as tensões sociais, mas têm um grau do impedimento conflituoso, o que o Barth (1976) chamou de “sistema sociais” ou construção dos limites (fronteiras) pessoais, como veremos mais à frente. Assim, segundo as declarações, os entrevistados mostram diferentes formas como começam e a forma como prendem as amizades que acham relevantes.

Um exemplo deste caso, é o narrador-1, mostra que após sua chegada em Redenção, foi à procura de uma igreja para congregar. Foi ali que encontrou uma menina, perguntou-lhe se sabia onde fica a igreja Evangélica em Redenção. Precisamente a menina estava indo para mesma igreja e os dois foram para lá. Esse encontro fez com que os dois se tornassem amigos. Mas quando chegou à igreja, o Narrador-1 encontrou um rapaz brasileiro que é estudante da Unilab (já se conheciam) e os dois estabeleceram mais amizades. Para ele essa amizade que eles construíram hoje se consideram como irmãos. E em relação a menina, ele afirmou que “até hoje temos pouco aconchego, com ela, não só por ser mulher, mas a gente mora um pouco distante, mas a gente fala no WhatsApp ” (Narrador-1). Mas amizade dos dois permaneceu até então. Neste relato, podemos perceber a questão do gênero que limitou um pouco a relação dos dois. Não afirmaremos que pelo motivo de serem de gênero diferente que criou essa limitação, mas entendemos que contribuiu. Como mostra o próprio narrador.

A Narradora-5 deduz que, apesar de ter muitas amizades, a mais marcante foi a de um jovem que lhe recepcionou bem quando chegou pela primeira vez na Unilab, logo ao descer do Ônibus. Esse jovem foi lhe receber e conversou muito com ela. Também foi o mesmo jovem que lhe indicou onde fica a igreja que ela frequenta. Ainda

esta narradora afirma que sempre visitava esse velho amigo. E mais tarde veio estabelecer amizades com outras pessoas, mas nunca deixou essa primeira amizade que lhe recepcionou, concluiu ela “considero ele amigo de verdade”.

Quando perguntados sobre o motivo da retenção dessas amizades, muitos afirmam que eles constituem ou não alargam amizades das pessoas que eles acham boas e se preocupam com eles (esse é o motivo principal). Assim nos aproxima do conceito dado logo no começo que amizade é uma relação “afetiva e voluntaria”, que precisa de algum “grau de equivalência”. Isso nos remete a reciprocidade mútua entre as amizades. Assim justificando motivos de certas amizades, Narradora-5 denota que

o que me levou a fazer a amizade com essas pessoas é porque são pessoas legais, boas que preocupam e eles mesmos mostraram preocupados comigo e tem interesse em me ajudar. Acho que é isso. Quando a pessoa se mostra interesse em me ajudar eu prendo amizade dela, mas quando nem está aí não acho importante. **(Quer dizer que amizade é uma reciprocidade?)** Sim é (negrito meu).

Em comparação com o Narrador-7, a Narradora-5 tem um olhar da amizade mais condicional voltada à troca (uma reciprocidade dá cá toma lá), agarra as amizades daquele que lhe mostra interesse de ajuda-lo, se alguém não interessar ela não liga. Ou noutro sentido são limites criados por ela talvez para “evitar discórdias”, como ela diz mais a frente que fica mais em casa. Não sabe quem é amiga de quem, é mais fácil para ela fazer amizade com pessoas de sua igreja ou do grupo de pesquisas e da turma. Essas escolhas dependem do que ela interpreta/considera como legal para ela, aceita amizades daqueles que para ela são legais e limita com outros, definindo as suas fronteiras, como mostra Fredrik Barth (1976), em seu livro “*antropologia da etnicidade – para além de ethnic groups and boundaries*”. Diferentemente do Narrador-7 que dá mais valor ao que outro é (a essência) e se aproxima a ele. Pode se atribuir ao pensamento desse narrador uma conotação de amizade como um valor. Isso nem sempre necessita de troca, mas respeito que é uma característica subjetiva que torna objetiva ao outrem no seu exercício.

Neste sentido, o Narrador-7 considera a simpatia e bom comportamento nas amizades que ele possui para si. Ao realçar que: “Achei legal, simpático e tudo mais a amizade com eles, principalmente pela afinidade que agente construiu por isso continuou até hoje nossa amizade”. Ele dá valor ao aspecto afetivo, no sentido das amizades que ele possui e ao mesmo tempo ao dizer que ele evita de certas amizades

por serem homofóbicas (essa fala pode ser recuperada na reflexão sobre a situação dos homossexuais). E por fim acrescenta que isso também é um fator que impede a realização da integração (este assunto mais a frente será retomado).

E ao justificar, o porquê de exclusão e consideração de certas amizades e motivo de suas continuidades, o Narrador-8 afirma que:

[...] a gente ficou vinculo de amizade temporária. Aliás, somos amigos. Temporário, porque nas férias agente passa tempo juntos vou visitar ele, ele vem me visitar, assim estendeu amizade até hoje. E nas aulas ele volta às aulas e passa mais tempo na Unilab, mas até hoje a nossa amizade continua, apesar de passar muito tempo sem ver ele, por causa do tempo que é corrido. Despertou em mim a curiosidade de conhecer os estudantes internacionais, como eles comportam e depois foi à curiosidade de saber falar em crioulo. Depois daí fui conhecendo outros amigos, colegas dele e a gente ficava junto na praça do Acarape, agente bebia junto, vamos às festas dos africanos e saíamos. Assim cresceu mais esse vínculo com estudantes internacionais é tudo isso.

A Narradora-6 tem certas semelhanças na retenção das amizades com o Narrador-8, ela considera que ‘interesse’ de conhecer caso especificamente de uma pessoa, aprender a língua crioula e como vivem os guineenses em Bissau (com a curiosidade de saber mais sobre culinária). Nessa perspectiva que ela veio a construir as amizades com os guineenses e outras nacionalidades de PALOP.

Uma singularidade que apareceu quase em todas as falas é que todos afirmam ser abertos e receptivos a qualquer pessoa, apesar de ter algumas restrições, ou seja, recebem quem se abre com eles/alguns para ter amizade ou ainda quem interessa com eles. Quando questionados sobre as dificuldades que eles enfrentam em estabelecer as amizades com outras nacionalidades e entre si, apareceram mais situações e barreiras construídas pela pessoa (eu/outro, interna/externa) que interferem nas relações. As respostas são divergentes, mas o certo é que a vergonha, o estranhamento, limites pessoais e outras etc, são causas apontadas como principais dos entraves nas relações.

Ao falar das diferenças, a Narradora-5 aponta não só as questões culturais, mas de lugares onde as pessoas frequentam, particularidades pessoais que limitam o indivíduo. Por outro lado, destaca que fica mais em casa e a interação dela é mais com pessoas de sua igreja e grupo de pesquisa ou sala de aula. Por esse motivo ela aponta fortemente o lugar que as pessoas frequentam e o que faz como uma grande diferença que contribui na limitação da pessoa.

Para o Narrador-1, os aspectos relacionados à estranheza, educacionais, familiares e a dificuldade de interação acontecem devido à falta de troca experiência (cada um se fecha no seu mundo) são os mais fortes no que diz respeito a aproximação. Isto é, com os brasileiros e cabo-verdianos que mais a frente ele e outros entrevistados consideram como aqueles que não reconhecem a africanidade deles. Por outro lado, diz não ter nenhuma dificuldade em interagir com estudantes internacionais com a exceção dos cabo-verdianos que ele considera como atrevidos (relação com estudantes cabo-verdianos, mais a frente esse assunto será desenvolvido). Assim afirma o Narrador-1:

Eu não tenho dificuldade em fazer amizade porque gosto de compartilhar, mas senti muitas dificuldades e até algumas acarreto como as sequelas de muitas dores. Uma delas é a receptividade, a forma como eles nos receberam em Redenção, muito diferente de Pacoti. Em Pacoti quando nós chegamos lá conhecia mais estudantes internacionais, até porque havia mais estudantes internacionais que brasileiros. Mas o que me marcou é a receptividade daquele povo é muito marcante é um povo que procurava nos conhecer, procuravam conhecer mais de nós, a nossa cultura, como chegamos aqui... Apesar de ter algumas perguntas que até não digo absurdas, mas de pessoas inocentes. A gente percebia que era falta de informações e com toda gentileza a gente dava boas respostas. Mas aqui em Redenção não. A receptividade do povo aqui não é tão aberta de jeito que muitos pensaram que seria. E mesmo dentro da igreja foi eu mesmo que procurei integrar e até hoje essa integração continua. Outra dificuldade é a curiosidade, o povo daqui não preocupa em saber os nossos costumes, cultura, convívios com as pessoas, eles não querem saber, eu acho isso como uma dificuldade em interação no sentido de troca de experiência. E também a questão de reciprocidade, as vezes a pessoa está disposta a fazer alguma coisa com alguém, mas essa pessoa não te dá de acordo com aquilo que você se entrega. A dificuldade de acesso é frequente, as vezes pergunta alguém uma coisa nem te responde de forma aberta ou com aquela clareza [...] Quanto aos estudantes internacionais (africanos e timorenses) não tenho dificuldade alguma de fazer amizade principalmente guineenses com quem tenho mais amizades. Um pouco de são tomenses, moçambicanos também tenho alguns inclusive uma amiga, com os cabo-verdianos não muitos, até que não sei porque tenho dificuldade de interagir com estudantes cabo-verdianos.

Aqui o Narrador-1 faz uma comparação de recepção dos estudantes internacionais quando chegaram à cidade de Pacoti e à cidade Redenção, afirmando ter uma diferença. Em Redenção não há interesse de conhecer os visitantes, diferentemente em Pacoti, que o povo é receptivo. Mas em nenhuma vez houve a afirmação de que é o próprio indivíduo que fecha criando limites para com outros. Muitas das vezes não são percebidos os limites pessoais criados que impossibilitam o outro de aconchegar perto. Por exemplo, esse narrador ao considerar que “as vezes tenho algumas coisas

particulares que eu privo ou faço estudo primeiro da pessoa se dá para fazer amizade faço, mas se não dá não foço”. O narrador-1 subjetivamente está limitando os espaços de interação dos outros com ele. Da mesma forma se aproxima a Narradora-5, ao replicar que “eu sou uma pessoa reservada gosto de ficar no meu canto” ainda mais a frente ela recuperou a fala inicial e finalizou a mesma ideia acrescentando que ela fica mais “em casa, então não tem como ver as pessoas fora da minha casa. Não sei quem é amiga de quem e de outro”. Por último ela apresenta a forma como considera um certo ou determinado grupo de pessoas privilegiando-os e limitando espaços com os outros que não vivem a mesma realidade dela: “para mim é mais fácil fazer amizade com as pessoas da minha igreja que frequento ou colegas da turma e de grupo de pesquisa”. Dessa forma, as barreiras ou a seleção que as pessoas fazem determina o espaço do outro. Isso dá acessibilidade àquelas pessoas que achamos que são “compatíveis/iguais ou semelhantes” a nós. As vezes na relação esperamos até aquilo que nós não fizemos aos outros. Mas ainda criticamos o que os outros fazem.

A Narradora-6 discorreu quase sobre o mesmo assunto já noutro sentido. Para ela não são restrições das pessoas que lhe impede de interagir, mas língua que ele considera como uma dificuldade que lhe limita em relação com os estudantes internacionais. Primeiramente ele nem se quer gostava de passar onde tem estudantes internacionais. Pois estes falam em suas línguas maternas ou a língua portuguesa destes é influenciada pela língua materna e sotaque parece mais de portugueses de Portugal. Com o tempo ele começou a ter mais aproximação e considera a língua como sendo fator que permite e facilita a interação entre ambas as partes. De mesmo jeito afirma o conjunto de jovens timorenses de que a língua para eles, é maior obstáculo de interação. Para estes sem compreensão torna difícil a interação. Pois é necessária a compreensão na interação para ambas as partes. Voltaremos a narração da Narradora-6 que diz que:

no começo logo é difícil entender vocês (africanos) até português é difícil para entender. Porque vocês falam português de Portugal tem sotaque diferente, até palavras em português que agente falam aqui vocês falam e a gente não entende por causa de sotaque. A princípio a língua foi principal dificuldade para melhor integração e adaptação com vocês. Vocês falavam, eu não entendia, mas era normal porque vocês falam mais em crioulo e a vossa linguagem é influenciada. Falar mais crioulo é uma diferença para gente. Além de crioulo, o vosso português aproxima mais o de Portugal. Vosso português é diferente e vocês falam muito rápido que nós, até quando você fala comigo eu não entendo, porque vocês falam muito rápido demais. Eu sentia a

vergonha de falar e perguntar por não entender o que vocês falam. Como vocês não entendem também a nossa linguagem aqui da região.

Sem muita diferença com Narradora-6, o narrador timorense afirma que a língua é um fator primordial para a integração na Unilab já que ela é o principal na comunicação normal. Ele considera que para interagir primeiro tem que perceber o outro te comunica e assim sucessivamente caminhar para a integração. Mas não entendendo a língua torna difícil a interação. Nesse sentido ele afirma que os brasileiros não têm a paciência com eles. Quando não entendem uma coisa a pessoa fica com cara estranha, nem pergunta e vai embora. Em resposta a essa afirmação a Narradora-6 afirma que é a vergonha que lhe impede de fazer pergunta quando não entende. De mesmo jeito ela considera que estudantes internacionais, não entendem ou entendiam a língua da região de Ceará. Ainda sobre a mesma questão se percebe que nas salas de aulas quando estudantes internacionais fazem comentários, muitas vezes os professores não entendem, mas não perguntam (já encontramos e temos conversas com alguns professores, que afirmam que as vezes não entendem nada do que alguns alunos internacionais falam). Voltando a afirmação do estudante timorense (Narrador-4) ele aponta que a língua portuguesa não é muito falada em Timor-Leste como no caso de PALOP. Têm línguas predominantes em Timor e conclui afirmando que, no momento atual a integração ocorre mais normal, porque a comunicação tornou isso mais acessível.

Relativamente sobre essa questão da interação/língua Kelly Silva e Sara Morais fizeram uma pesquisa relacionada a esse assunto, onde elas analisaram os conflitos vivenciados entre estudantes, por causa da diversidade linguística em línguas portuguesas de PALOP. Kelly Silva e Sara Morais perceberam a dificuldade linguística nos primeiros dois semestres dos estudantes estrangeiros (principalmente Cabo-verdianos e Guineenses), porque a língua de nascença é mais falada nos países destes estudantes. Ainda destaca que a forma de falar português entre os Palopianos é um fator que os identifica e os diferenciam entre si também com os brasileiros e outras nacionalidades que beneficiam de PEC-G (KELLY & MORAIS, 2012).

E por outro lado, Duval Fernandes, Maria da Consolação Gomes de Castro e Sandra Moreira fizeram uma pesquisa relacionada a “*migrações transfronteiriças: desafios à inserção laboral e a integração social*” dos estrangeiros (africanos) que chegavam ao Brasil antes e na altura da copa em 2014 para trabalharem e garantir

melhor nível de vida. Detectaram a questão da língua como um entrave na relação social e em relação laboral dos estrangeiros em Mato Grosso. Segunda as falas das pessoas da autoridade local entrevistados, perceberam que “os problemas provocados por não conseguirem se comunicar em português são intensificados pelas diferenças culturais, que se transformam em barreiras para a maior interação dos imigrantes nas comunidades em que estão inseridos” (FERNANDES, CASTRO, MOREIRA, 2016, p. 17). Discorrendo ainda sobre o mesmo, estes destacaram que pelo

fato de não dominarem o idioma português se transforma em um entrave para maior integração social dos imigrantes. Segundo as autoridades locais e os representantes de organizações sociais, muitos dos imigrantes não têm acesso a serviços sociais básicos porque não conseguem falar e entender português, o que também dificulta uma maior interação com os brasileiros nas comunidades onde moram ou nos locais em que trabalham, (FERNANDES, CASTRO, MOREIRA, 2016, p. 17).

Em suma a língua é um potencial que pode contribuir para estabilização social das relações entre os diferentes, se for bem usada para isso. Ajudando nas trocas mutuas entre indivíduo. Sendo ela um dos fios profícua que conduz a uma integração, que minimiza conflitos das diferenças culturais quando bem usada para o diálogo. Assim conclui os três autores que,

A integração social dos imigrantes é um dos aspectos fundamentais para a garantia de uma melhor qualidade de vida e um ambiente saudável para o seu desenvolvimento interpessoal no país de destino [...] entre os obstáculos apresentados os mais frequentes na fala dos entrevistados foram as dificuldades no campo da moradia, especialmente para alugar imóveis, os problemas de acesso a serviços sociais básicos, a pouca interação com nativos por não falarem português, a discriminação racial e as diferenças culturais (FERNANDES, CASTRO, MOREIRA, 2016, p. 16).

Aqui o que se pode notar são obstáculos apresentados pelos imigrantes, mostrando as dificuldades que eles enfrentam diariamente – principalmente os “negros”, por não saberem falar a língua portuguesa (são negros e por não saberem a língua, as coisas pioram ainda mais). Aí mostra quão a língua torna essencial na interação. Quão a língua minimiza certos aspectos sociais e discriminatório.

Enfim, nas amizades ou interação pode se perceber que a língua é uma dinâmica que intermedia as relações, minimiza as tensões sociais e culturais, entrelaça ou facilita as sociabilidades que acontecem entre diferentes. Na Unilab as experiências relatadas entre todas as nacionalidades é que no início a interação foi difícil (principalmente entre

brasileiros x internacionais), porque a comunicação era interdita pela incompreensão dos integrantes. Nas outras experiências relatadas por Kelly e Moraes (2012) e mais pesquisadores sobre o mesmo assunto, a língua emergiu como fator que interdita as relações. E por motivo dessa incompreensão a diferença cultural apresenta com mais clareza. Aqui não estamos dizendo que é a própria língua que é a causa principal e responsável pelas boas ou más relações sociais e culturais. Mas a ênfase que ela exerce nesse contexto da comunicação entre as diferenças facilitando interações x amizades.

Agora segue-se algumas descrições em destaque, de acordo com o trabalho de campo realizado em locais já descritos. Em suma essa é parte principal do trabalho. Apesar de pode não trazer toda a inquietação da pesquisa à tona ou dar resposta ou ainda esclarecer o discurso que julga que a integração não acontece na Unilab. Mas tentaremos mostrar como ela ocorre, pode ser fraca e marcada de muitos distanciamentos, várias tensões que marcam a diferença como indicam e relatam algumas pesquisas e entrevistas realizadas. Ainda podemos não esclarecer de forma completa, porque a integração parece não está acontecendo, mas fica claro que maioria dos factos que contribuem para tal clima social e cultural são relatadas nessas experiências das pessoas que vivenciaram essa realidade aqui referenciadas.

2.2. Inter-Relação entre nacionalidades e conflitos vigentes nas sociabilidades

Este subcapítulo está subdividido em duas partes. No primeiro momento pretendemos mostrar como são as relações entre as nacionalidades, analisando os conflitos sociais que são suscitados pelas diferenças na interação (partindo da relação entre nacionais x internacionais). Com a observação e análise de dados recolhidos percebe-se que há uma divisão a olhos nus entre nacionais e internacionais, conforme os narradores. Em um segundo momento, a nossa atenção foi centrada em interpretar a observação feita da relação entre próprios estudantes internacionais. Neste subcapítulo são observados e analisados os conflitos que surgem na relação entre nacionais x internacionais e também na relação entre os internacionais entre si. Percebemos que é fácil identificar os conflitos que existem entre nacionais x internacionais, mas a disputa que envolve a relação dos estudantes internacionais entre si pode ser compreendida como um conflito que muitas vezes passa despercebido pelos de fora ou só é percebido entre os internacionais.

Partindo da narração feita pela Narradora-5, de que “O que impede as pessoas de estabelecer as relações é a diferença cultural” considerando brasileiros com estudantes internacionais. O narrador-3 complementa o sentido da declaração da narradora-5 de que o primeiro aspecto que “impede no requisito da relação entre os nacionais e internacionais é choque cultural”. No entanto, uma das causas principais da relação social na Unilab segundo esses narradores são as diferenças culturais que estimam/motivam os choques culturais que conduzem as tensões na sociabilidade. Por outro lado, quando um conflito social/cultural acontece devido as diferenças, se bem resolvido, segundo o narrador-3 e narrador-7, consideram que a integração prosseguiu, deu um passo positivo – ou acontece. Esses conflitos indicam a existência das relações entre diferentes. As estranhezas que as vezes geram conflitos nas socializações entre os grupos são marcas das diferentes.

A pouco acabamos de abordar questão relativa as interações x amizades e língua, onde a ênfase das duas primeiras está na língua. Neste interim, percebe-se que é comum e mais fácil traçar uma linha divisória de distinguir as nacionalidades, apresentam diferenças a olhos nus, cada grupo possuindo suas particularidades oculares (uma caminha em direção oposta da outra). Mas existe um tenso conflito fechada que se verifica entre estudantes internacionais. Assim podemos questionar: o que impede a relação ou gera tais situações conflituosas, entre os que compartilham os mesmos costumes, mesmas culturas e línguas? Em seguida analisaremos relação entre nacionais x internacionais e em segundo lugar analisaremos em poucas linhas a relação dos estudantes internacionais entre si.

2.2.1. Relação: Nacionais & Internacionais

Relativamente a este subcapítulo foi analisada a relação dos estudantes nacionais e internacionais de sete (7) países referidos acima e moradores das cidades de Acarape e Redenção. Nisto se verifica que as opiniões dos entrevistados são divergentes e algumas possuem semelhanças, cada narrador dá sua opinião de acordo com o que ele (a) considera como sendo referência de conflito na relação entre brasileiros e estudantes internacionais nos espaços onde esta pesquisa foi realizada. Aqui a abordagem é centralizada em dois aspectos (contrastes nacionais e internacionais). Tendo como referência principal o trabalho de Norbert Elias e John Scotson. Estes fizeram a pesquisa

em uma pequena cidade inglesa denominada com o nome fictício Winston Parva, cujo o título é “Os estabelecidos e os outsiders”, publicada em 1965. Estamos usando esta referência porque entendemos que os resultados alcançados por estes autores são inspiradores neste trabalho e tem um lugar não digamos principal, mas fundamental. Quando se trata da relação entre estabelecidos e os que vieram de outro lado (por exemplo, caso de Redenção e Acarape), percebe-se quanto a pesquisa tem uma relação sintática, isto é, a relação dos estabelecidos e outsiders. A diferença que existe, são nos lugares e alguns objetivos da pesquisa, mas a princípio a pesquisa tem mesma essência e comportamentos verificados no campo se aproximam. Com isto queremos afirmar que há uma compatibilidade no que diz respeito a relação entre “estabelecidos e outsiders” de Redenção – Acarape e a pesquisa feita por estes autores nos anos 1965.

A pesquisa (estabelecidos e outsiders – 1965) apresenta um estudo, realizado desde década de 1950, na Inglaterra. Com objetivo de entender as variadas formas da configuração das relações sociais naquela pequena cidade inglesa. Para compreender tal situação eles usaram diferentes mecanismo: documentos, pesquisa etnográfica e entrevistas para a alcance e compreensão da situação. Foi detectado um sentido de relacionamento muito essencial entre moradores de três zonas consideradas na pesquisa. No qual os cidadãos da zona-1, economicamente tiveram mais privilegio, o fato que fez com que eles mudassem para esta zona de classe média. Os de zona-2 e 3, eram de classe trabalhadora. Ora, os de zona-2 recusavam se relacionar com os de zona-3, por lhes considerar como outsiders, recém-chegados da zona-3 (ELIAS & SCOTSON, 1965).

Este facto, pode ser comparado e se verifica na postura de diferentes grupos sociais. Por exemplo, nesta pesquisa com estudantes internacionais e os anfitriões de Acarape e Redenção, percebe-se que na relação entre essas duas alas (nacionais x internacionais) há uma reserva grandemente notável. Em primeiro, refere-se as entrevistas, onde um estudante nacional afirmou que o “impede no requisito da ‘relação’ entre os nacionais e internacionais é ‘choque cultural’. Para ambos que estão vivenciando nova cultura, novos costumes” (Narrador-3). Além disso, um morador (brasileiro) de Acarape afirma que não podem abrir as mãos com as pessoas que nem conheceram. Antes, eles devem cuidar. E ele mesmo exemplificou situação da insegurança que se vive na cidade, assaltos, roubos, mortos a tiros, e etc. Isso não é muito distante do que Elias e Scotson notaram na cidade Winston Parva. Ao levar em

conta este aspecto como indispensável na pesquisa, onde consideraram a organização familiar, índices de criminalidade, relação entre os vizinhos, e etc. daquela cidade como aquele que se configurou o que levou os habitantes de zona-2 recusassem entrar em contato com aqueles que são outsiders. Porque os consideravam como marginais (ELIAS & SCOTSON, 1965).

Os estudantes internacionais na sua maioria sem levar em conta aspecto descrito por Elias e Scotson, afirmam que os brasileiros não estão interessados em se relacionar com eles. O que se verifica na relação (nacional x internacional) é de interesse por parte dos brasileiros – afirmam alguns narradores internacionais. O caso Narrador-1, informa que os estudantes nacionais aproximam dos internacionais com a falsidade ou interesse:

na Unilab a minha convivência com brasileiro é muito pouco e pouco que eu chego a conviver. Principalmente os colegas. Nem todos estudantes internacionais que eu considero como amigos, a maioria são falsos, fazem papel de amigos, mas não são amigos. Uns procuram ter amizade por interesse, eu vivi uma experiência isto foi no final de 2015 no grupo de pesquisa.

Narrador-5, Narrador-2, reforçam essa ideia de que o interesse é o que conduz a maioria dos brasileiros a se interagir com estudantes internacionais. Isto é, ou acontece mais nas salas de aulas. Quando tem uma atividade para realizar, todo mundo é amigo, quando a atividade terminar jamais se conhecem mesmo encontrando na rua a pessoa te passa como se fosse aquele que nunca te viu ou senta com você como se fosse aqueles que nunca tiveram nada, acrescenta Narrador-4.

Outra situação que vale salientar é a divisão na sala de aula que para realizarem trabalhos, os estudantes internacionais justificam essa divisão como falta de interesse na integração. Este fato é justificado por dois estudantes brasileiros Narrador-7 e Narradora-6, que isso acontece porque estudantes nacionais muitas das vezes não têm tempo para estudar, pois trabalham, enquanto que estudantes internacionais são mais estudiosos pois não fazem nada a não ser estudar. Neste sentido estudantes internacionais preferem agrupar entre si e os brasileiros entre si para fazer os trabalhos. Por outro lado, caso de agrupar num lado Narradora-6 afirma que isso tem mais haver com o conhecimento e as amizades. Mas não nega que tem outros que fazem isso por preconceito mesmo. Da seguinte forma ela explica a situação:

a separação dentro das salas de aula entre as nacionalidades e conhecidos, no RU mesma coisa há fila dos africanos ou mesas de africanos e dos brasileiros. Tudo isso não contribui nada positivamente para a integração intercultural. Tem professores que tentam ajudar na hora de divisão de grupo para seminário. Escolhe para cada grupo constituir de diferente nacionalidade caso de professora Janete. Nesse caso alguns brasileiros não querem fazer trabalho com vocês porque dizem que vocês são mais estudiosos, porque isso é vosso destino aqui. Enquanto que nós brasileiros muitos trabalham e tem pouco tempo para estudar, logo na sala tem pouco argumento na discussão. Outros mesmo não querem por separação preconceituosa. Outrora por essa razão de falta de tempo, alguns africanos querem fazer trabalhos sozinhos. Por outro lado, acho que na escolha de grupo acontece divisão entre nacionalidade por causa compreensão, conhecimento e amizade. Os que são amigos e tem uma boa relação se juntam facilmente.

Assim pode se perceber que para ela, o que justifica essa divisão é o conhecimento, tempo e/ou preconceito. A divisão não acontece só por parte dos brasileiros, mas todas as nacionalidades. Tem professores que não ficam bem com essa divisão caso de Professora Janete como foi referida e outros professores. O Narrador-7 referenciou o professor Bas'lellé como um daqueles que incentiva a todo mundo para interagir um com outro, assim diz ele: “exemplo do que fala o professor Bas'lellé – bora vamos integrar ninguém vai ser espectador. Aí ele leva todo mundo para dançar. Aí a gente vive cultura de outro e ocorre integração”.

O Narrador-1 suscitou uma discussão que norteia a hegemonia do ser “negro & branco”. Branco superior que o negro Franz Fanon, (2008). Para este narrador, o brasileiro de redenção tem uma concepção de ser um ser superior (a indiferença) em relação aos africanos na Unilab, ele relatou o seguinte em relação aos brasileiros: “Você vê a pessoa respondendo já com a face de arrogante, orgulhoso. Isso é uma dificuldade eu prefiro ficar no meu e ele no seu”. O narrador-5 aprofundou mais, afirmando que “eles pensam que são melhores que nós, por ser negros, mas não”. Essa tensão envolve questão atrelada a superioridade racial, descrito por Franz Fanon (2008) no seu livro “pele negra mascaras brancas”.

A pesar de a Unilab ter a variedade cultural de sete países oriundos de três continentes, a tensão se verifica mais entre o brasileiro “branco” e o africano “negro”. Os timorenses parecem ser neutros quase não aparecem na discussão tanto por parte dos africanos quanto dos brasileiros. O narrador-1 e 5 referiram lhes, mas indicando que tem um amigo (a) timorense, mas não há muita interação entre eles. Por lado dos timorenses

é a língua o maior entrave que justifica afastamento deles. Além disso afirma narrador-4 que os brasileiros não têm paciência com eles. E o fato deles terem um objetivo que é estudo, então dedicam mais nisso.

Por fim, relativamente sobre as informações particulares recolhidas nas conversas particulares com moradores principalmente de Acarape e alguns estudantes com quem não apliquei entrevistas formais. Essas informações dão conta (contêm) mais interações, conflitos e desabafos pessoais de alguns moradores de Acarape para com a comunidade internacional. E a queixa dos próprios estudantes (internacionais) sobre algumas formas como são tratados. Considerando primeiro, falas de alguns moradores de Acarape que tenho contato pessoalmente explicaram que: “você é diferente de muitos dos seus colegas. Muitos fazem zoadas, falam gritando como se fosse brigas, fazem barulho altas horas”.

Um amigo meu que gosta de companhia dos africanos, chegou a dizer que “esse povo é difícil”, ele já tem problemas algumas vezes com os amigos africanos – duas vezes estive presente, e algumas vezes nas festas, afirma ele mesmo, com um caboverdiano, por estar bêbado. Ainda ele afirmou que alguns moradores de Acarape estão fartos com estudantes africanos e lhe crítica de tê-los como a companhia. Isso não é distante do que o narrador-8 diz:

No início não é bem vista. Quando comecei a ter contato mais vínculo, ficar mais próximo não é bem visto. Algumas pessoas me criticavam, falavam muita besteira que eu era brasileiro não devo fazer esse tipo de amizade com africanos. Foi assim, mas como a vida é minha faço o que eu quero. (Porque esses seus amigos acharam que você não deve fazer amigos africanos?). Acho que é preconceito. Lá onde eu estava primeiro havia mais problema com relação a isso. Mas aquilo nunca afetou minha relação com estudantes africanos. Também já tive algumas vezes problemas com alguns estudantes africanos, mas isso não afetou minha relação não. Esses conflitos são agentes mesmos (nós mesmos) não interferência dos outros brasileiros.

Em segundo lugar, para estudantes internacionais não passa do que o Narrador-1 expressou na sua fala ao longo da entrevista, já acima citada. Por outro lado, referentemente as festas e barulho alguns estudantes internacionais reclamam que são limitados de fazer certas coisas, tais como: festas – eles têm que ter horas limitadas, se não a polícia aparece e manda parar a música. Enquanto que os brasileiros fazem as festas até horas que quiserem parar. Em relação ao barulho em casa, afirmam que os brasileiros fazem barulho de manhã cedinho com aparelho de som ligados (alto).

Enquanto que eles (estudantes internacionais) demoram para dormir devido estudos – no entanto fazem barulho mais na parte da noite. Então ali se resume contradição entre esses integrantes.

Enfim, alguns aspectos que marcam a diferença entre ambas partes são questões 1) a diversidade cultural como o principal e 2) choque cultural como causa das tensões entre as nacionalidades. Segundo as narrações que acabamos de apresentar nos demonstra diferentes pontos de vista tais como: a superioridade racial, falta de interesse de interagir um com outro, divisões nas salas de aulas justificada por falta de tempo e conhecimento. Outros aspectos destacados pelos estudantes internacionais são limites que eles estão sendo impostos: caso nas festas. Então aqui podemos verificar que conflito travado é causado mais pela diferença, e cada grupo resiste em permanecer com os seus valores sociais e culturais. Logo cria conflitos. Isto para narrador-7 os estudantes internacionais devem abrir as mãos de certos costumes não os brasileiros, pois vieram de fora.

Finalmente o narrador-3 fez um reparo onde mostra que tanto brasileiros como estudantes internacionais tem aqueles que se importam em se relacionar com a diferença. Por outro lado, ele afirma que de mesmo jeito que existem brasileiros que não interessam em integrar de mesmo jeito existem estudantes internacionais que não interessam também.

2.2.2. Relação entre estudantes internacionais

Muitas vezes não se leva em consideração a relação entre os estudantes internacionais. Ou aliás não prestamos atenção em como se dá a relação entre eles. Neste subcapítulo atenção especial foi especificada para analisar essa questão. Sendo assim começaremos com a seguinte fala: “Com brasileiro cumprimento todo mundo quem conheço quem não conheço, mas africanos eu cumprimento as pessoas que eu conheço ou as pessoas que mostram receptível ao cumprimento. Eu não cumprimento ninguém com cara fechada” diz Narradora-5. Iniciamos com esta afirmação de uma estudante africana que está se referindo a sua relação com os conterrâneos. Ela mostra que há a certa tensão entre estudantes internacionais. Demos início com esta narração a fim buscar fio condutor que nos guiará para análise mais sólida à frente.

É vista claramente o contraste nacionais x internacionais, que algumas vezes a divisão referida neste capítulo se resume em internacionais. Exemplo disso é quando acontece um “problema” causado por um estudante internacional, os nacionais “se generalizam ou dizem que são esses africanos, sem se importar em saber quem fez” diz narrador-1. Mas existem um outro conflito que podemos chamar de “micro-conflito” que acontece entre nacionalidades dos PALOPs gera o ambiente de afastamento e diferenciação entre eles. Cada nacionalidade apresenta como o “melhor” ou mais “organizado”. Essa diferenciação que existe entre nacionalidades de PALOP – cada nacionalidade se vê como superior em relação a outra. Por exemplo: angolanos se sentem superiores em relação que os são-tomenses; cabo-verdianos sentindo superiores que os moçambicanos; são-tomenses sentindo superiores que os guineenses; guineenses sentindo também melhores que outros e assim sucessivamente. É nesse assunto que vamos tentar mergulhar. O Narrador-1 e Narrador-8 trouxeram esse assunto, mas num contexto mais tenso onde consideram os cabo-verdianos de segregacionista, atrevidos e aqueles que não reconhecem a africanidade deles (vamos abordar isso mais a frente). Esse conflito reforçam o afastamento das nacionalidades em grupo.

Nesses grupos criados por cada nacionalidade também existem outras tensões na sociabilidade que tem menor visibilidade, ou seja, é visto somente pelo grupo e as pessoas mais ligadas a esses grupos. Essas tensões nascem mais nas organizações que são criados por cada nacionalidade. Ali surgem disputas e exclusões. Isso gera conflitos que muitas vezes não são publicamente discutidos, mas se resolve dentro de cada grupo/nacionalidade. Isso foi percebido por um estudante brasileiro que em sua afirmação disse que em todas nacionalidades existem conflitos, separações e subdivisões que acabam fazendo certo grupo ficar fechado. Ele percebeu a competição que norteia os estudantes internacionais, replicou-ele assim:

De certo modo isso acontece com (estudantes de) todos os países aqui na Unilab. Angola tem angolanos que demoram muito para se relacionar em termo de amizade com os seus patriotas angolanos e outras nacionalidades. Têm brasileiros que são muito difícil de relacionar com mesmos brasileiros, os cabo-verdianos da mesma forma. Então o que acontece é a forma de divisão de grupo em uma única nacionalidade. Isso acaba afetando outras nacionalidades, restringindo a interações entre nacionalidades. O quê que acontece é a divisão de grupo por entrada. Cada entrada determina o vínculo de amizade que aquele estudante vai ter. É um pouco difícil uma entrada ou vai em período tardio de uma entrada, por exemplo, 2013.3 eu comecei a ter a relação com os guineenses dessa entrada, então meu

vínculo de amizade começou com eles, não só, mas começa com eles (NARRADOR-3).

O narrador-11 ao refletir sobre essa questão diz que a “integração na Unilab não é efetiva”, porque ainda existe algumas pessoas de certas nacionalidades que ele teve a oportunidade de debater sobre a integração e as considera como aqueles que estão longe de integrar. Para ele é “constrangedora a situação que é vivida por pessoas não falantes de qualquer outra língua que não seja português, tal situação é infelizmente ‘ocasionada’ por certas nacionalidades que além de português falam outras línguas”. No entender deste narrador, a língua portuguesa deve ser a única forma de expressar e comunicar dentro da universidade ou em qualquer lugar onde se encontram alguns estudantes que falam outras línguas além do português e outros que só falam português.

O que se verifica nessa conjuntura social (na Unilab) é o caso que a Kelly e Morais (2012), chegaram a mesma conclusão de que os Guineenses e Cabo-verdianos são majoritários o que lhes facilita falar mais crioulo. Os estudantes brasileiros justificam com isso o isolamento e menos interação com eles, porque não entendem o que falam em crioulos. Mesmo na presença de outras nacionalidades de PALOP Guineenses e Cabo-verdianos continuam falando crioulo. Isso cria o afastamento entre eles com os angolanos, são-tomenses e moçambicanos (estudantes de PALOP) e brasileiros que falam português nos seus cotidianos.

Então esse facto é verídico na Unilab, pois estudantes cabo-verdianos e guineenses falam mais crioulo no cotidiano, provavelmente por ter um número maior dos estudantes. E isto não é a justificativa cabível para assegurar a verdade, mas vale ressaltar que nos países desses estudantes a língua crioula é de nascença é a língua de uso cotidiano fora das instituições. Sendo assim, a língua portuguesa é de trabalho ou se fala nas escolas. Na Guiné-Bissau posso ressaltar que o Crioulo para muitos é língua secundário ou até terceira. Porque muitos nascem aprendendo a língua que a família fala (Pepel, Balanta, Fula, Mandinga, Manjaco, etc.), sendo assim, o crioulo torna-se secundário ou até terceiro para aqueles que aprendem falar mais línguas antes de ter contato com crioulo. O português passa ser utilizado somente nas escolas ou nas instituições. Isso influencia tanto na forma como os guineenses e cabo-verdianos se falam o português. Sendo assim na Unilab essa influência permaneceu, onde agrupa dois ou mais pessoas dessas nacionalidades a tendência é de falar as suas línguas (materna).

Para terminar, o narrador-1 e narrador-8 apresentam outro fator, de que eles não têm nenhuma dificuldade em relacionar com os estudantes internacionais com a exceção dos cabo-verdianos que o narrador-8 chama de atrevidos e narrador-1 considera os como aqueles que não reconhecem as suas próprias identidade como africanos, assim diz:

E agora, a minha maior dificuldade de interagir com africanos é com os cabo-verdianos na sua maioria é o que a gente chama de arrogância ou convencimento de que eles apesar de serem “africanos” eu cheguei à conclusão de que eles não se consideram cem por cento africanos, por causa da cor de pele. Eles acham que pelo fato de terem a cor mais clara que os outros. Eles acham que não têm sangue, não têm origens africanas. Pelo contrário são totalmente africanos. Não importa como ou qual é a cor de pele que eles têm, não importa a mestiçagem. Eles são africanos. Então o que eu noto muito neles que constitui dificuldade para me é essa segregação que eles têm. As vezes no restaurante universitário, já aconteceu duas vezes que eu fui para R.U. com os colegas para comer. Chegamos sentamos na mesa onde elas iam sentar. Elas chegaram colocaram seus pratos para comer em fração de segundos pegaram nos seus pratos e foram para outra mesa. Daí eu comecei a entender que esse povo é um povo segregacionistas, só querem estar entre eles. Então isso fez me limitando até hoje. As vezes tento, mas não permitem. Tem uma menina que tento interagir, mas essa convicção que ela tem não permite minha interação com ela. E para não criar tumulto prefiro ficar no meu canto (Narrador-1).

Essa questão levantada por narrador-1 não vamos aprofundar a explicação, mas daremos noção que talvez ajudaria a ‘compreender’ o porquê que no “cotidiano dos cabo-verdianos” parece que “eles” não assumem de forma geral como pertencentes a identidade africana, mas considerando que são mestiços. Tomaremos como base para essa explicação o trabalho da Daniele Ellery Mourão, intitulado “*estudantes cabo-verdianos no Brasil: tensões raciais e reafricanização*”, 2013. Onde ela explica em poucas linhas processo histórico assimilacionista ocorrido em Cabo-Verde que tentou erradicar a identidade africana dos cabo-verdianos. Essa tentativa de assimilação proporcionado pelo colonizador, começou a sofrer críticas quando os movimentos de resistência começaram a aparecer e com tentativa de recuperar a identidade cabo-verdiana. Esses movimentos reivindicava a identidade própria (porque os portugueses consideravam Cabo-Verde como uma parte de Portugal), mas não deixou de identificar com o colonizar. Isso os apresenta aqueles que negaram uma parte do colonizador e aceitaram outra parte. Em parte, se identificava com o colonizador em outra não aceitava. Assim explica Mourão (2013):

Influenciados pelo Modernismo brasileiro, os “nativistas” foram os primeiros a recorrer à resistência identitária, resgatando a cultura popular e a alteridade negada pela política assimilacionista. Porém, no início da década de 1930, o Regime de Salazar (1933-1974) retoma intensamente a ideologia assimilacionista com a justificativa de trazer as populações indígenas para a civilização, reafirmando a cidadania portuguesa dos cabo-verdianos e a colônia como uma extensão territorial de Portugal (ALMEIDA, 2004a). Nesse contexto, surge o movimento Claridoso, marcando o início do modernismo em Cabo Verde, com a publicação, em 1936, da revista *Claridade*. O movimento propunha a emancipação em relação à metrópole, afirmando que Cabo Verde tinha uma literatura, cultura e língua própria: “mestiça e crioula”. Entretanto, ainda que os claridosos reivindicassem uma identidade genuinamente cabo-verdiana, ela sempre foi marcada por uma dualidade de pertença que não abria mão da “oficial paternidade portuguesa”, ora se distanciando do opressor ora se identificando com ele (MOURÃO, 2013, apud FERNANDES, 2002, p.78).

Essa citação resume processo histórico cabo-verdianos desde tempo de colonização que tem seus rastros até momentos atuais no cotidiano dos cabo-verdianos, que alguns entrevistados constataram neles. Trouxemos essa explicação porque entendemos que pode ajudar para compreender a situação (interação) com os cabo-verdianos na Unilab e facilitar a relação com eles, já que nosso objetivo é analisar a integração na Unilab. Esse assunto não é o nosso objetivo, mas tem grande relevância para caracterizar os cabo-verdianos na integração proposta pela Unilab. Apesar de ser breve esta caracterização desse povo, seguiremos no aprofundamento com a integração, sabendo da existência de mais citações que podem dar mais a luz na compreensão de forma como é constituída a identidade desse povo e suas políticas. Então para mais aprofundamento, podem ler obras desses autores: Daniele E. Mourão, 2013; Fernandes, 2002; etc, são autores que falaram sobre essa questão.

O isolamento então descrito nos relatos do Narrador-1 e Narrador-8 pode ser que é uma forma de resistência que eles usam para preservar as suas identidades. Se for assim torna um pouco mais complexo a interação com essa nacionalidade. Um exemplo claro disso é a situação de estudante são-tomense (narradora-5) que afirma ter vontade de voltar para seu país e por isso ela preserva a sua cultura, sua identidade para não perder com realidade. Segundo ela, considera que não sofreu nenhuma alteração identitária e ainda acrescentou que o que ela percebeu que mudou ou aumentou é o seu nível de conhecimento intelectual. Mas o resto permaneceu intáctil. O compromisso que ela tem, delimita o espaço dela de interação com os outros pessoas/grupos. No caso, da

Unilab percebe-se que isso contribui para a estagnação da integração intercultural. Isso também pode ser considerado como uma barreira na integração.

Então, podemos considerar a relação entre estudantes internacionais, segundo os relatos que acabamos de analisar como a relação mais chegada que com os brasileiros. Mas contém series de dificuldades como acabamos de observar de que há umas disputas e divisões em grupo entre nacionalidade que suscitam as diferenciações que as vezes conduzem as tenções conflituosas.

2.3. Gênero e Sexualidade

Numa sociedade padronizada, machista e dominada pelas ideologias que resume o gênero em homem e mulher, surge uma nova classe que desafia e questiona pensamento padronizado e/ou considerado como verdade cabível sobre gênero e sexualidade/homem e/ou mulher. O surgimento de uma classe que não se encaixa dentro desse padrão é considerado anormal (doença psíquica ou mais). Sendo assim, pessoas dessa classe social sofrem constante preconceito e até mesmo exclusão social. Segundo a obra de Alessandra Ramos Demito Fleury e Ana Raquel Rosas Torres (2007), na obra intitulada: *“Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais”*, mostram os resultados alcançados na pesquisa realizada em diferentes cidades do Brasil, sobre a forma como os homossexuais são vistos e tratados socialmente. Em frente faremos um diálogo entre esse texto e a narração dos entrevistados. Nesse sentido analisamos a questão relacionado ao preconceito que as pessoas da opção sexual diferente (os Gays) vivenciam diariamente na Unilab e nas cidades de Acarape e Redenção em suas interações com os brasileiros e estudantes internacionais.

Como sabemos, o debate entorno do gênero e sexualidade é uma discussão que cada vez ganha mais espaço no mundo todo. Na Unilab e as duas cidades (Acarape e Redenção) essa discussão se faz presente. Por outro lado, como vimos no primeiro capítulo que a Unilab cada vez traz estudantes dos PALOP e Timor-Leste. Nesses países segundo os entrevistados, esse assunto é ainda muito “desconhecido” quase “inexistente” como afirmam a maioria deles. Conforme os entrevistados muitos consideram que não existem essa prática de homossexualidade, outros consideram que nunca viram nos seus respectivos países pessoas dessa opção sexual – gays. Então ao

chegar no Brasil, onde essa variação de gênero e sexualidade é muito conhecida também é debatido, muitos ficam com grande estranheza e muitas vezes negligenciam os debates relacionados a esse assunto. Segundo Narrador-10, confirma que muitos dos seus compatriotas quando chegam na Unilab a princípio fazem preconceito com homossexuais e lésbicas com o tempo isso começa a desaparecer. Para narrador-7 a Unilab deve proporcionar espaços de debates sobre essa questão e ainda aponta a Unilab como instituição que não quer discutir esse assunto.

Acho que aqui uma dinâmica de debates que é negligenciado e silenciado pela unilab. Não sei se vocês vieram aqui orientados em não se estabelecer se em certos debates como aqui no Brasil, o debate sobre a questão de feminismo é muito forte, debate sobre LGBT é muito forte. Eu vejo que esses debates ficaram dissolvidos, muitos de vocês não interessam disso ou é muito desconhecido, mas a unilab ficou mudo sobre tentando calar essa discussão. Quando a gente estabelece essa discussão não digo que tudo ficou resolvido, mas terá outro impacto social na relação entre agente. Essa discussão quando começa ela se estabelece, ela passa a ter outra forma e fica fácil de resolver as questões (NARRADOR-7).

No entanto, na Unilab os “gays” são parte da integração. Esse grupo de pessoas de opção sexual diferente presente nesse universo buscam o respeito à seus espaços sociais e culturais. Mas a diferença que eles apresentam, segundo narração de Narrador-7 e Narrador-8 sofrem confrontos diário de preconceito e homofobia tanto com estudantes internacionais como próprios brasileiros. Narrador-9 afirma que eles são alvo de zombaria pelos estudantes internacionais até alguns se chamam um ao outro de *Nagana* (uma expressão guineense) – quer dizer gay. Para essas pessoas que representam essa opção sexual, esses preconceitos e xenofobias não contribuem para a integração eficaz na Unilab e tanto nas comunidades. Essas são dificuldades que ele enfrenta. Ainda crítica as práticas sociais e culturais machistas e opressora e apela o respeito a diferença. E finalizando ele diz que ainda tem muito trabalho para descolonização desses pensamentos. Assim ele afirma:

Acho que minhas maiores dificuldades são ligadas as questões de moral, opressão e homofobia. Essas questões não estão apenas do outro lado do atlântico, mas também muito presentes em diversos lugares do mundo. O Brasil é a prova da falácia da moralidade. Onde exala discurso machista, racista, xenofóbico, LGBT homofônico. Nossas culturas não nos ensinaram a ter uma melhor relação com a diferença, o meu país por ser construído por diversas culturas e ter tido um histórico de grande opressão aprendeu um pouco mais, mas cotidianamente exala preconceito. Portanto, a UNILAB mudou muito a região do Maciço de Baturité, hoje estamos com mais aceitação é

compreensão da necessidade de respeitar as diferenças culturais. Mas a maioria da nossa população segue os meios de comunicação da elite econômica que ainda reproduz as malesas opressivas. Teremos ainda muito trabalho para descolonizar e desconstruir esses marcos colonial (NARRADOR-9).

Complementando com essa fala, o narrador-7 não poupa críticas à Unilab como a instituição que quer silenciar o debate sobre gênero. Para ele essa temática deve ser debatida e sempre debatida, para que eles possam ter seus respectivos lugares na integração. Ainda afirma este estudante de que não consegue ir para Universidade ao longo do dia, porque estudantes de outros cursos zombam dele e, ele não consegue estar tranquilo. E ainda colocou a questão de que “muitos de vocês não interessam disso ou é muito desconhecido, mas a Unilab ficou mudo sobre isso tentando calar essa discussão” Por esses motivos ele prefere ir a Unilab só a noite para participar das aulas e ainda afirma que a noite os estudantes de Bacharelado em humanidade - BHU, debatem mais sobre esse assunto e eles sofrem menos discriminações a noite em relação ao dia. Por esse motivo sugere que em todos os cursos da Unilab que se faça presente esse assunto. Assim diz:

a dificuldade que eu tenho da interação com outras pessoas é por causa da minha orientação sexual, a tensão que há, é isso, não há outra. Não vejo a questão da cor, de ser diferente ou estrangeiro, independentemente de ser estrangeiro ou de local de município de Redenção é essa questão da homofobia, para mim essa é a questão não há outra. Eu vejo a questão muito marcada tem pessoas que não ficam perto de você, pessoas que não entra no banheiro quando você entra. Agente vê, agente observa. Eu vejo que há um número significativo dentro da universidade das pessoas que não se relacionam com agente. (Agente) é como um grupo invisibilizado que as pessoas não se relacionam nem se cria momento para interação (com pessoas de orientação sexual diferente). Dentro da universidade isso acontece muito, principalmente com os estudantes de outros cursos além das humanas. De dia fica muito difícil quando a gente for almoçar você vê que as pessoas te veem de jeito estranho e nem se quer aproximar. Mas a noite já é menos. Eu sinto integrado na universidade, mas não em todos os pontos da integração. Socialmente agente é marginalizado aqui dentro da universidade como também fora dela. Nem em todo momento agente depara com isso, mas há momento que a gente até mesmo depara com a discriminação. Isso não é só de minha parte, mas também de muitos outros alunos também, zombarias, preconceitos, xenofobias, machismo e tudo mais (NARRADOR-7).

Para estas pessoas a Unilab deve considerar essa política e deve ser debatido em todos os cursos, a fim de conhecer ou facilitar os olhares, pois em todos cursos tem pessoas dessa representação. Nesse assunto não vou me aprofundar para não perder com

foco do trabalho, mas considerando que esse grupo e sua “cultura” como mostra narrador-9, também faz parte da integração na Unilab reclama seus respectivos lugares e direitos sociais. Eles devem ser considerados como uma parte que pode fazer integração funcionar como qualquer grupo/classe social incluso na Unilab. Além de ser diferentes são humanos também fazem parte.

Em volta de tudo que foi discutido neste subcapítulo, resume-se em preconceito, xenofobia, machismo ou a falta de consideração da cultura desse grupo. Para eles esse assunto deve ser promovido para que os estudantes internacionais possam saber disso. Por outro lado, vimos as dificuldades de aceitação que eles vivenciam diariamente na universidade como fora dela. Neste contexto a obra que no início referimos, trouxe dados similares que apresentam os homossexuais como pessoas doentes e nível de negação dessas pessoas nas cidades de Fortaleza, Recife e Goiânia apresentam índice mais elevado, (Fleury e Torres, 2007). O preconceito e a negação desse grupo na Unilab e cidades de Acarape e Redenção não ficou fora nesta lista de preconceito e negação dos homossexuais. Mas vale ressaltar que, mesmo se não estiver de acordo com a opção ou orientação sexual deles, nunca se deve perder de vista a humanidade de cada pessoa independentemente do que ele é ou que ele faz – afinal eles são humanos!

2.4. Preconceito e Racismo

Falar do preconceito e racismo fácil pensar na questão da cor negra e o negro como aquele que sofre mais quando se fala dessa temática. Mas ao longo da pesquisa percebemos que essas questões (preconceito e racismo) são as mais variadas que podem existir na relação sociocultural na Unilab.

No contexto da socialização na Unilab, a questão está atrelada a vários outros tipos de preconceitos que às vezes nem em todo canto onde existe essa prática é verificado a questão idêntica à da Unilab. Não me refiro a um caso novo e particular, mas casos que as vezes não aparecem noutros lugares. Neste sentido falo a partir de preconceito no contexto universitário, baseando nas particularidades da Unilab conforme os entrevistados. No entanto, que tipo de preconceito e racismo existem na Unilab?

Fácil é atribuir ao brasileiro (“branco”) característica preconceituosa e racista e ao negro de oprimido em tal situação. Viajando um pouco fora do contexto da Unilab ou da sociedade brasileira, dá a entender que esses atos discriminatórios que são vigentes no Brasil e em todo mundo se constituíram ao longo dos séculos através em diversas sociedades no mundo. Segundo o pesquisador da Universidade do Caribe/Jamaica Carlos Moore Wedderburn, no programa da TV salto para o futuro, não considera o racismo como uma “ideologia sociologicamente construída”. Mas “é uma visão histórica e cultural que surgiu em várias partes do mundo” e se estabeleceu de forma diferente em sociedades. Então esse problema não é somente do Brasil, em particular da Unilab. Mas de qualquer que seja o povo, sociedade ou cultura.

Se considerar o modo como cada nacionalidade convive com as diferenças, o modo como estes vivenciam as tensões raciais a brasileiro no Ceará concretamente nas cidades de Redenção e Acarape, percebe-se que há uma variável que distingue cada grupo social e cultural. Essa variável é a forma que cada grupo se apresenta. Sendo que as suas peculiaridades os limitam na relação com os outros. A mediação dessas diferenças deve ter um lugar fundamental nas convivências e adaptação como sendo meio que condicionará uma convivência normalizada (isso não implica a ausência de conflitos) entre múltiplas culturas oriundas de sete países que são incluídos na Unilab. Por outro lado, podemos considerar mais de sete culturas na Unilab, se contarmos com a presença dos professores internacionais que não são de Comunidade dos Países Língua Portuguesa – CPLP, mas trabalham na Unilab. Esses têm suas diferenças, atuam e convivem no mesmo espaço universitário, nas mesmas cidades referidas nessa pesquisa.

Neste contexto seria muito difícil não haver a situação de preconceito e racismo, como colocou o Narrador-11 que “a diversidade gera muitas coisas, tais como: racismo, preconceito, conflitos, problemas e mais”. Então essa situação é para todos na universidade, “apesar de haver discursos xenofóbicos, racistas e separatistas por parte dos brasileiros”, como afirma o Narrador-1, que passam nos Rádios, TVs e pessoalmente. Mas isso não quer dizer que não existem estudantes internacionais que não fazem isso, diz Narrador-3.

Olhando para relação que envolve esse ambiente, a riqueza que essa diversidade que a Unilab possui, se bem aproveitada a cidade de Redenção e Acarape até pode tornar centro de referência da diversidade social e cultural como foi descrito nas

Diretrizes. Se todos contemplarem essa diversidade, essa convivência, todo mundo aprendendo um pouco de cada cultura presente na Unilab. Esses terão noção do que é viver no lugar do outro e considerar a diversidade como sendo valores e riqueza cultural que cada grupo social possui. Mas o que acontece é o que o narrador-3 diz “ninguém quer abrir a mão para experimentar a cultura do outro, isso não significa perder a com a sua”.

Partindo neste contexto da diversidade cultural para falar do preconceito, racismo e outras classificações sociais emergentes nas entrevistas vistas como outra cara do preconceito e racismo. A partir dessas entrevistas, verificaremos alguns aspectos sociais e culturais preconceituosos e racista proferidas nas redes sociais e que provocou uma reação tanto da Unilab como da comunidade acadêmica de Acarape e Redenção. Esta foi o Narrador-8, morador de Acarape que considerou esses aspectos (preconceito e racismo) como uma discriminação social e cultural: ele trouxe como o exemplo, declarações que passou pelas redes sociais sobre a Unilab e seus estudantes. Primeiro na Rádio de Redenção por um jornalista no programa Ceará News 7, segundo a reação dos estudantes internacionais e a Unilab a fala deste jornalista foi proferida com afirmações “preconceituosas e racistas”. Diante de tudo isso, numa nota, a “assessoria de comunicação” da Unilab reagiu deste modo:

No último dia 21, o jornalista Donizete Arruda, no programa Ceará News 7, quadro Conexão Brasília-Ceará, fez declarações xenófobas e racistas que atingem a comunidade acadêmica da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). O radialista, em seu malabarismo ilógico dos fatos, tenta atrelar os estudantes africanos da Unilab ao Estado Islâmico, partindo de uma notícia publicada em nível nacional sobre operação antiterror da Polícia Federal, em que se apontam brasileiros envolvidos em ações de terrorismo [...] Diante disso, a Unilab repudia veementemente os ataques xenófobos e racistas disparados contra nossos estudantes internacionais. Lamentamos profundamente que uma concessão pública, como é o caso de rádios e TVs no Brasil, seja utilizada de forma criminoso, para incitar o ódio, a xenofobia e o racismo. A universidade estuda as medidas judiciais cabíveis e, desde já, exige retratação do jornalista Donizete Arruda. Reforçamos ainda que a Unilab é uma iniciativa do Estado brasileiro para cooperação internacional e desenvolvimento regional. Redenção, cidade pioneira na Abolição da escravatura, localizada no também pioneiro estado do Ceará, Terra da Luz, saberá, mais uma vez, ser protagonista na luta contra o racismo.

E o segundo aconteceu em São Paulo por parte do comentarista que divulgou no programa Jornal da Manhã, da Rádio Jovem Pan, de São Paulo. Que tentou rebaixar o

projeto Unilab e seus estudantes. A Unilab numa reação associou tal situação com menosprezo da relação com a África e afirmou que é uma negação da presença da identidade africana no Brasil. Segundo a Unilab, “Menosprezar a relação com o continente africano é negar a própria história de formação do Brasil e de seu povo e abrir mão de um posicionamento estratégico para potenciais parcerias” (UNILAB, 2016). Estas declarações tiveram um impacto social muito forte entre estudantes internacionais e as comunidades nacional em geral. Com essa afirmação voltamos a colocada acima, que tipo de preconceito e racismo acontece na Unilab? As vezes não é ser preto que está em causa, mas sim ser de continente africano. Um continente que é tida como de miséria, fome, doença, etc. sendo assim, os estudantes internacionais são confrontados com perguntas mostram claramente o que tipo de conhecimento alguns moradores de Acarape e Redenção tem da África. Questões que são estas: como vocês vieram para cá? Lá na África tem carro? Tem avião? Tem barco? etc. – fomenta o narrador-1.

Além disso, algumas afirmações de ter sofrido o preconceito e racismo por parte de alguns estudantes internacionais, o Narrador-2 considera que: “i tem jintis ku tene na menti pensamentu di kuma brasileiros i racistas. Assin mesmo ku algin fasi kusa ku ka tem nada ku racismu, si dunu ta pensa janan kuma i tratal ku racismo” (NARRADOR-2), (existem pessoas [estudantes internacionais] que já andam com a mente carregada do pensamento de que os brasileiros são racistas, mesmo acontecendo uma coisa que não tem nada a ver com o racismo por parte dos brasileiros é considerado como racismo – tradução minha). O que apareceu ali é a estimulação de racismo ou preconceito. Que muitas vezes é proporcionado pelo sentimento de inferioridade ou de indefesa do indivíduo num lugar onde ele é estrangeiro afirma este narrador.

Tomando a reflexão muito importante apresentada pelo Professor Doutor Lourenço Cardoso (2010), sobre a distinção do racismo a partir de uma dualidade: “*branquitude crítica e acrítica*”, compreende-se e ao mesmo tempo estabeleceu-se uma crítica a sociedade/literatura brasileira de forma que considera somente uma parte da branquitude e deixa a outra parte. Ele demonstra que uma nega racismo publicamente (branquitude crítica) e outra não nega a sua existência. Exemplo disso aconteceu quando foi colocada aos entrevistados a questão sobre o racismo e preconceito, quase que ninguém assumiu como aquele que pratica ou já praticou, excepto o Narrador-8 que afirma que a princípio teve alguns sentimento e olhar preconceituoso. Mas quando teve

um amigo guineense esse pensamento começou a se desconstruir. Também o narrador-7 afirma que quando era adolescente e estava no ensino fundamental teve pouco conhecimento sobre a África por isso teve preconceito, mas antes da chegada da Unilab ele pesquisava já assunto sobre África e tinha uma noção do que é a África antes da chegada dos estudantes africanos na Unilab.

Ora bem, o professor Lourenço Cardoso trouxe uma discussão/reflexão sobre esse assunto muito importante que estabelece a partir das críticas sobre o pensar ser branco, onde sustenta que “a branquitude procura se resguardar numa pretensa ideia de invisibilidade, ao agir assim, ser branco é considerado como padrão normativo único” (CARDOSO, 2010, p. 611). Este pensamento às vezes não deixa de ser atribuído ao oposto de branco que “carrega” na mente esse pensamento de que o branco é superior. O sentimento de inferioridade e apropriação do estilo do branco como melhor (esse pensamento também foi criticado pelo Fanon, 2008). Assim o simbolismo de ser branco é adotado pelo sentido que Cardoso (2010) considera como “indivíduo ou grupo concebido como único padrão sinônimo de ser humano “ideal” é indubitavelmente uma das características marcantes da branquitude em nossa sociedade e em outras” (CARDOSO, 2010, p. 611). Por outro lado, ser negro é associado com sentidos negativos nas sociedades.

Assim, o Narrador-5 ao expressar que “eles pensam que são melhores”, ou são mais capazes do que eles, porque são negros. Ele associou essa ideia com a ideia do colonizador – a invirtude da negritude. Isso nos leva à ideia de que o brasileiro se considera “ser branco” e superior em relação ao negro. O negro é aquele que não sabe nada, precisa ser moldado ao estilo do homem branco que é “ideal”, como escreve Cardoso (2010); Fanon (2008). O Narrador-1 refletiu sobre a mesma ideia e concluiu que os brasileiros pensam ser brancos, mas não são. São mestiços.

Por outro lado, essas falas nos leva a reflexão sobre branquitude proposto por Cardoso (2010) que é dotado de sentido de superioridade racial a partir da cor da pele (branca cor de privilégio) que de uma a outra forma esses pensamentos se transformam em preconceito racial. Ser branco é associado à virtude enquanto que ser negro é associado à impureza. Estes narradores, de forma simbólica e crítica, criticam o lugar construído pela ideia de branquitude dos brasileiros na Unilab, uma ideia que encontramos em Cardoso (2010), conceituado como:

[...] um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Uma pesquisadora proeminente desse tema Ruth Frankenberg define: a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo [...] (CARDOSO, 2010, p. 611).

Para estes entrevistados, esta atribuição é considerada como menosprezo a outra identidade e ao mesmo tempo um preconceito/racismo da parte dos brasileiros com africanos, como o narrador-1 profere na sua fala que, “a pessoa respondendo já com a face de arrogante, orgulhoso”. Noutro sentido, o brasileiro se considera superior ‘porquê’? O narrador-5 em outras palavras responde que “eles acham ser mais inteligentes, importantes que nós, porque somos negros”. Outra questão como já referimos acima, é o lugar onde esses jovens vieram que está em causa – continente africano. Então a ideia da branquitude até pode parecer obscurecida, mas a discussão se baseou nisso. Pois para esses dois narradores o tema central é a superioridade racial baseada na cor. Para eles o brasileiro menospreza – os por achar que os brancos são superiores, o que Cardoso (2010) chamou de “um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos **que se objetiva a partir do outro**” (negrito meu).

Assim considerando estas afirmações em relação ao conceito sugerido por Cardoso (2010), se verifica o lugar e a classificação a partir da cor de pele e a consideração do negro na sociedade brasileira (CARDOSO, 2010). Em Norbert Elias e J. Scotson (1965), se verifica a relação que eles consideram como “atribuição” de uma certa característica a outrem – exemplo do que acontecia na cidade Winston Parva. Apesar de se tratarem de contextos reais diferentes (o de Winston Parva e o de Redenção e Acarape), mas na essência existe uma similaridade. Pois em Winston Parva por serem pessoas de nível mais privilegiado (os emergentes da zona-1) atribuiu-se aos moradores da zona antiga uma autoimagem de pessoas “marginais” e de nível social e econômico baixo. Por ser atribuído essa imagem, criou-se uma autolimitação entre os lados, no diz respeito ao contato. E o espírito de medo e desconfiança passou a ter lugar mais alto, limitando dessa forma a relação entre esses (ELIAS & SCOTSON, 1965). Comparando com atribuição de autoimagem do negro no Brasil (caso de Redenção e Acarape), verifica-se que o negro é associado a inferioridade, marginalidade, assaltantes, etc. Em todas as pesquisas realizadas nessa esfera de sociabilidade (o assunto pode não ter o foco principal preconceito e racismo), mas quando se trata da

relação social o negro aparece nessa situação: “fui confundido com negro brasileiro” (KELLY & SARA, 2012; MOURÃO, 2013; SUBUHANA, 2009). A Narradora-6 moradora da cidade de Redenção também sublinhou que ao entrar nos supermercados os vigilantes a seguem. Com desconfiança de que podem roubar qualquer coisa. Ainda acrescenta mesmo tendo câmeras eles ainda os controlam por terem pele mais escura, mas ela é brasileira e por fim realçou que a universidade está cumprindo seu papel cabe a cada integrante ajudar nesse sentido ou enfraquecer esta universidade.

O preconceito acontece até com os animais. Esses preconceitos acontecem até mesmo nas lojas. A gente entra começa a olhar o preço das coisas, o fiscal entra nem pergunta se posso te ajudar, desconfia logo como a gente está vestido da cor da nossa pele que é um pouco mais escura. Esses não aproximam da agente começa com o preconceito pensam que é para roubar mesmo com câmeras. Alguns brasileiros afastam de muito muitos porque são negros, são gays e alguns preconceitos. A unilab ela proporciona integração, mas depende da agente para fazer isso funcionar. Unilab já está fazendo integração, mas talvez por causa de preconceito. Agora depende de cada um de nós fortalecer ou enfraquecer essa união (NARRADOR-6).

Essa declaração quase é semelhante em todas as pesquisas relacionados a estudantes internacionais negros e emigrantes em todo o Brasil. Os pesquisadores de Mato Grosso observam que os imigrantes sofrem nesse processo de integração devido à especificidade cultural (dos estrangeiros), causam medo às comunidades brasileiras que resistem a esses desconhecidos. Levando em comparação com a pesquisa de Elias e Scotson (1965), essa é uma imagem que foi atribuída ao negro e que provoca medo. Basta ver um negro, já vem o pensamento: o marginal está por ali, posso ser agredido/assaltado a qualquer momento. Essa condição é real para muitas pessoas, principalmente os estrangeiros, no Brasil. Como mostra esta citação:

o fato de muitos imigrantes serem negros torna ainda mais vulnerável a sua integração em cidades do Brasil [...] Nesse sentido, há alguns relatos das autoridades locais, de representantes de organizações sociais e dos próprios imigrantes a respeito de um racismo velado para com os imigrantes, (FERNANDES¹, CASTRO², MOREIRA³, 2016, p.18).

O narrador-7 ao considerar o que é preconceito na integração unilabiana, não considerou simplesmente o aspecto vulgar (cor ou preto x branco) como é o caso de estudantes internacionais. Mas se referia à política de gênero e sexualidade, que para este narrador, é importante. A diferença que se estabelece a partir do gênero e

sexualidade produz constantes ataques preconceituosos em relação as suas escolhas. Isto mostra o quanto o preconceito apresenta-se de forma diferente. E nos dá pistas para compreender que a diferença, ao ser produzida socialmente, pode resultar em exclusão e marginalização, diz o narrador-9, também ao falar da integração mostra a forma como o preconceito e exclusão social acontece – até na forma de chamar um ao outro de nome *Nagana* na universidade, tanto (servidores, técnicos, professores e estudantes) na Unilab e até os moradores de Acarape e Redenção, motoristas e cobradores de transportes fortaleza-Redenção. Desse jeito ele(s) prefere(m) isolar para evitar certos constrangimentos. Essa questão constitui uma das restrições nas amizades dele (s) para com outras pessoas que tem esses olhares não digo preconceituoso, mas separatista e monótono em relação à opção sexual. E essa situação não são eles somente que passam por isso, mas quase todos os que escolheram essa opção sexual – replicou o Narrador-7 e 9. Para Narrador-7 as discriminações e preconceitos que eles passam não é somente na Universidade, mas também nas cidades onde eles moram, por exemplo, ele considera que tem poucas amizades na cidade de Redenção não porque ele quer assim, mas devido ao nível de preconceito que se observa nesta cidadezinha. E considera como sendo homofóbico e até machista as pessoas que exercem esse pensamento. Esse entrevistado concluiu dizendo que “as minhas amigas acham que há uma relação de machismo tanto de brasileiro quanto para os africanos, há um olhar assim com aquele cara ruim, abusivo que não é a cultura de lá é daqui”. Estas amizades não dão com ele concluiu. Por outro lado, realçou a importância da Unilab, já que antes o preconceito era muito no Maciço do Baturité. Mas a presença da Unilab está ajudando até aqueles que tinham medo de apresentar o que sentem, agora estão mais livres para se expressarem.

Neste sentido analisando o lugar dos homossexuais, e pessoas de pele mais escura na Unilab verifica-se que há uma certa discriminação racial, preconceito e preconceito espacial para com os africanos que talvez já existia e que foi ampliado com a chegada dos estudantes negros na Unilab. Assim se coloca a questão: onde está o lugar destes na integração unilabiana? Por outro lado, o Narrador-7 critica e aponta a Unilab como o cúmplice para a manutenção de certos comportamentos se não há debate sobre gênero e sexualidade. Esta crítica é colocada como a incógnita sobre a orientação dos estudantes internacionais ao vir para o Brasil (se eles sabem sobre a política de gênero e sexualidade ou não?). Na compreensão dele o debate é fundamental para orientar esses recém-chegados ao país. Na sua opinião, ao se realizar uma discussão

sobre um certo assunto, o problema ou a situação passa a ter um outro tipo de caráter que ele não identifica como resolvido, mas como aquele que terá um impacto social, minimizando os problemas e olhares preconceituosos que acontecem na Unilab.

Um outro aspecto ressaltado que muitas vezes não se leva em conta por uma boa parcela das pessoas, e que o narrador-4 chamou atenção, está ligado às palavras que se proferem sobre os outros sem pensar no impacto aliás, ele destaca o aspecto relacionado ao preconceito e opressão mental que muitas pessoas exercem sem medir a destruição (consequências) moral que uma palavra que parece simples pode provocar na mente de outra pessoa. Levando em conta a compreensão deste narrador, ele entende o preconceito como aquele que se manifesta de mais variada forma possível do que o tipo popular de preconceitos conhecidos (o preconceito racial). Ele enumerou vários preconceitos tais como: preconceito racial, que baseia na racialização e cor da pele, preconceito “inteligencial”, que ele considera como acadêmico – se verifica mais nas academias, preconceito relacionado ao peso da pessoa (magro x gordo), o preconceito linguístico, etc. Todos esses aspectos são formas de preconceito considerados por ele. Neste contexto destaca o Narrador-4 que

a princípio eu não entendi sobre esse preconceito racial, eu pensava que era sobre cor da pele das pessoas, mas nada, nada não! Racial não só pesa na cor de pele, mas de razão, da cultura, da sua etnia, tudo, tudo! Mas isso é diferente com o preconceito inteligencial. Então aqui o Brasil como um país muito grande existe estas diversas pessoas de diversas características que se misturam numa comunidade então é muito fácil alguém identificar essas características que marcam as pessoas ou grupos. E muitas vezes agente esquece-se e fazer com que os outros sofram. Por exemplo, outros já sabem, vê para mim que eu sou magrinho. Ai, outros dizem “você nunca come, muito magro assim” na verdade se você é um amigo, se você é uma pessoa boa, se você é uma pessoa que tem uma noção, que tem um pensamento, que tem uma característica boa com os outros nunca vai dizer assim para outros. Você vê a pessoa nessa condição, ainda você vai dizer isso para pessoa. Isso significa oprimir a pessoa, fazer com que a pessoa sofra. Você está oprimindo, os outros. Então muitas vezes a violência acontece a partir dessas coisas. Se sou talvez uma pessoa que tudo já está marcada na minha identidade e você vem me dizer que você é assim, assim, assim, talvez eu não penso numa condição boa para responder essa coisa. Acabando acontecendo a violência. Então é importante todo mundo se respeitar e consideração. O papel de seres humanos como nós deve ser respeitar uns aos outros, aí dá tudo bem. Como seres humanos devemos respeitar e ajudar uns aos outros naquilo que eles pretendem.

Nós vivemos no mundo de preconceito, esse preconceito não identificar apenas preconceito racial, de língua ou outros. Mas preconceito inteligencial, isso acontece na educação – preconceito inteligencial, significa por exemplo, porque as pessoas numa turma que sabem só interagem com as pessoas que sabem, os que não sabem, procuram os que não sabem. Até os que não sabem querem procurar os que sabem, mas os que sabem não querem. Então isso é o quê? É

preconceito. Esses diversos preconceitos que a gente tem faz com que não existe essa integração. Você quer interagir com os outros vai como falando dessas classes, de capacidade essa classe inteligencial, que você é diferente dos outros, aí fica difícil você interagir com os outros. Porque todo mundo só vive no preconceito racial esquecendo outros preconceitos.

Em suma, o preconceito e racismo segundo o entendimento deste narrador são praticados de várias formas possíveis. Neste ponto de vista dele, há outros preconceitos que já fazem parte do cotidiano dos indivíduos e que muitas vezes não são levados em conta. Mas observando com máxima atenção se compreende essas formas.

Então o preconceito e racismo no contexto da Unilab (branco x negro; brasileiro x africano ou estrangeiro), pode ser compreendido como a continuidade de tensões sociais e raciais que provavelmente começou a partir do momento que os africanos foram trazidos para cá como escravos. Por outro lado, devemos dar atenção à afirmação do narrador-2: às vezes a pessoa se engana, porque já pensa no outro como racista ou preconceituoso e racista. Essas práticas configuraram em diferentes partes do mundo e a Unilab e cidades referidas não escaparam dessa conjuntura sociocultural, como se pode perceber com os narradores que o racismo e preconceito manifestam-se de várias formas, no dia-a-dia das pessoas (daqui).

CAPÍTULO III

PERSPECTIVA SOBRE A INTEGRAÇÃO NA UNILAB

3. Perspectiva sobre a integração na UNILAB

As ideias que gostaríamos de discutir neste capítulo não representam nem uma teoria, nem uma metodologia. Mas gostaríamos de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo deste trabalho na Unilab. O objetivo foi contar uma história dos diferentes modos pelos quais em nosso meio os seres humanos tornam-se sujeitos ou constroem uma relação social e cultural nas vivências diárias a partir das diferenças. Assim, não é a integração, mas o sujeito dessa integração que constitui o tema geral desta pesquisa. É verdade que nos envolvemos bastante com a questão da *integração*. Mas, antes, era necessário estender as dimensões de uma definição do que é a integração se quiséssemos usá-la ao estudar a subjetivação/objetivação do sujeito. Será que é preciso uma teoria da integração para contar tais experiências?

Porém, este trabalho analítico torna-se difícil de avançar e propor uma análise da convivência dos sujeitos da integração na UNILAB, sem uma conceituação dos problemas que ali são tratados, conceituação esta que implica mostrar um pensamento básico sobre o assunto. Isto não quer dizer que todos os problemas da integração têm mesmo sentido e bases imutáveis, mas sim difere de lugar para lugar e sujeitos. Neste sentido prosseguiremos a uma tentativa de análise do que é a *integração* e qual a sua relação com as diferenças. Neste capítulo tentaremos responder à pergunta principal desta pesquisa ‘se a integração está acontecendo ou não’? Ele está subdividido em três partes. Na primeira parte trata a questão do conceito, a partir da compreensão dos estudantes. Na segunda parte a atenção é de buscar entender se a integração está a acontecer ou não e por último as críticas e propostas sobre a integração na Unilab.

3.1. Integração na concepção dos integrantes na Unilab

Etimologicamente, a palavra integração provém do Latim (*integratione*), que pode ser traduzido em português como “ato de integrar”. Isto é, integrar significa “inteirar-se” ou “completar-se”. A palavra integrar na gramática do português é verbo do primeiro grupo, verbo transitivo direto, que se encontra no infinitivo. No contexto social e cultural pode ser traduzida como ação social e cultural ‘coesa’ entre vários povos. Isto é, vivência harmônica de mais de uma cultura ou sociedade diferentes. Isto não significa que não existem choques e conflitos, como a palavra ‘coesão’ pode nos

conduzir a entender que duas ou mais sociedades e culturas coesas não existem tensões, e que tudo está em perfeita harmonia.

Rui Pena Pires (1999) no artigo intitulado “problema da integração” publicado na revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, volume XXIV (texto tomado como referencial deste capítulo), denota que a integração é conjunto de combinações das componentes que constituem uma sociedade a partir de diferentes processos sociais. Elas podem ser pessoas, organizações ou instituições. O Narrador-4 não distanciou dessa concepção de que a “integração é interagir. É interagir com os outros, trocar as ideias, trocar as coisas que vocês estão a precisar uns dos outros. Se eu precisar de você vai me ajudar. Então interação é uma integração”. O Narrador-2 realçou o mesmo conceito e finalizou dizendo que: “A integração é respeito. Aqui há pouco respeito. Respeitar aquilo que as pessoas não aceitam, eu respeito aquilo que não aceito, porque a vida não é minha é do outro tenho que aceitar as escolhas dele” (NARRADOR-2).

Retomando o conceito de Pires (1990), para ele, em uma sociedade existem diferentes “grau[s] de integração nos vários planos de relações”. Quando a conceitualização da integração é “menos presente” surge o entendimento equivocado (confundir uma coisa da outra) de que a integração é a mesma coisa quanto se trata do consenso e o conflito é contrário a ela. Ainda, para este autor, o consenso não é única forma que indica o positivismo da integração, logo o conflito é característico da desintegração, bem segundo Pires (1999), não é assim.

Considerando a fala do narrador-7, o conflito na Unilab é como indicador de que a integração está acontecendo, dá ênfase à necessidade de resolução desses conflitos que são causados pelas diferenças sociais e culturais. Ainda acrescenta que o debate deve ter sempre um lugar fundamental na universidade. Desta maneira ele firma que a

integração é inteirar, eu acho que é se relacionar com o outro. Uma pessoa que veio esse outro que tem relação cultural diferente que veio de outro lugar. Aí ocorre uma dinâmica de relação, as próprias discussões que ocorre que são as tensões elas fazem partes da integração porque são elas que sinalizam que a integração ocorreu. Por isso que deve haver debates, reflexões sobre essa temática na universidade. Porque cada tensão, cada dinâmica que se resolve a integração ocorreu. Eu tenho certeza que quando ela ocorre que tem uma tensão e quando as pessoas resolvem ela ocorre (NARRADOR-7).

Ainda sobre mesmo assunto, o Narrador-3 considera como sendo importante: primeiro interagir com o outro; em segundo é interessar-se em conhecer a cultura do outro, em terceiro é respeitar a prática cultural do que o outro é e faz. E para ele a integração é quando um indivíduo ou grupo se abre para compartilhar as experiências e vivências com outros, acima de tudo é respeitar as diferenças mesmo não estando de acordo com o que o outro é e/ou faz. De acordo com essa afirmação, Narrador-3 diz que a

integração não se faz sem interação, para você integrar é preciso você interagir, interagindo é integrando, para mim integração no contexto da Unilab é a iniciativa que o estudante independente da nacionalidade venha ter de conhecer a cultura do outro e acima de tudo respeitar. (Abre se parente respeitar-por quê?). Porque muitas pessoas querem conhecer a cultura do outro para menosprezar. Então você tem que conhecer a cultura e respeitar. Você sabe que em Guiné-Bissau os Balantas³ dançam dessa forma, para me é estranho, mas tenho que respeitar. Integração é quando você se abre para o outro e compartilhar suas experiências, suas vivências e acima de tudo respeitar e assim esperar o outro venha te respeitar pelo o que você faz pelo que você é. Assim é a integração (negrito minha).

Então, complementando a formulação deste conceito, inspirando-me no conceito de Pires (1999), o conflito e consequentemente a sua resolução faz parte do processo da integração. Assim como alguns entrevistados de diferentes nacionalidades e de diferentes opções sexuais e de gênero compreenderam o conflito no contexto que está sendo discutido aqui, como uma parte do processo da integração. Ao afirmarem que existe integração, confirmam a possibilidade de uma abertura para a resolução dos conflitos geradas pelas diversidades. Para eles, este facto mostra que está ocorrendo a integração no lugar ou onde se encontra a diversidade (ou onde se produz a diversidade, se seguirmos a ideia de Frederik Barth, 1969) tanto cultural como social.

Por outro lado, a integração na compreensão destes é entendida como troca cultural, interação entre diferentes baseando no respeito como sendo o mediador.

3.2. A integração está acontecendo ou não?

A mais variada e controversia é a posição e o olhar dos sujeitos dessa pesquisa quanto a respostas à questão sobre se a integração intercultural e social está acontecendo

³ Um grupo étnico na Guiné-Bissau

ou não. Quando a questão foi colocada ao narrador-7, ele responde que a integração acontece. Mas como ela acontece que é a principal questão a ser respondida. Se há discussão ou as interrogações sobre se a integração está a acontecer ou não é pelo facto da forma que ela acontece. Para ele as pessoas marcam seus espaços, cada um reafirma as suas pertenças identitárias, assim fica difícil. Afirmou ele:

Integração acontece, para mim a questão é “como ela ocorre?” Como ela ocorre que parece as vezes que ela não ocorre. É que também tem a questão de “as pessoas” marcação de espaço e questão de nacionalismo forte. Aí fica essa questão de um reafirmar constante isso bloqueia o debate. Não se aculturar, não se aproximar, o brasileiro é demais. Já ouvi alguns africanos dizerem que quando chegarem em casa nem a mãe vai reconhecer, aculturado, absorveu tanto. O que penso da dificuldade da integração também é que a constante reafirmação de essa é minha cultura, essa não é nossa, não aceitam aculturar. Então se você mergulha vai integrar mal. Mas se você quiser trazer para o cotidiano aqui há uma resistência maior nesta. Mas quando a gente vai querer mergulhar na cultura, agente participa nas dinâmicas de vocês (africanos e timorenses) aí vejo que vai ter mais integração. (NARRADOR-7).

Baseando na questão colocada por este narrador, como acontece integração? O Narrador-10, vai dizer que na realidade a “integração acontece, mas só que é uma integração particular, individual, cada pessoa escolhe sua forma de se relacionar com pessoas da cidade de Redenção”. Para ele, os fatores que proporcionam a integração são: “afinidade, convívio e os momentos que é proporcionado pela universidade e cidade”. Ainda acrescenta que a integração é a convivência e na Unilab existe essa convivência. Ele convive com os guineenses, angolanos são-tomenses, timorenses embora sendo pouco, mas ele convive. A forma como essa integração é divulgada, para ele, é que não existe. Voltando para fala já citada da Narradora-6 mostra que a integração ocorre, mas é marcada pela separação, distanciamento entre as nacionalidades em diferentes atividades na Unilab como fora dela.

Os Narradores 1, 5 e 7 defendem a posição “mediana” de que a integração existe ao mesmo tempo não existe. Para estes, há ainda uma distinção a ser feita: a “integração intelectual” (isso refere aos conteúdos que são passados na Unilab) é percebida como um aspecto que acontece completamente na Unilab. Os demais aspectos da integração, não. Diferentemente dos outros entrevistados que têm olhares e interpretação diferentes de que a integração acontece, além de algumas situações controversas ocorridas na Universidade. Para estes narradores, isso é normal.

O Narrador-3 destaca que são próprios estudantes que não se abrem para com os outros que tem a cultura diferente, convidando-os a conhecer a sua cultura e seus costumes. Se todo mundo tivesse esse interesse, a integração iria acontecer mais. Para ele a integração existe. O que mostra que integração existe na perspectiva dele é o fato de acontecer problemas e serem resolvidos. Isso já é um passo importante para conhecer o outro. Mas considerando a fala do Narrador-9, ele mostra que os problemas não são resolvidos, mas a Unilab cobre (esconde) os problemas e não permite que esses sejam discutidos (mais no caso de gênero). Em paralelo o narrador-1 com o Narrador-3, dizem que têm pessoas que abrem para outros. Por fim, acrescentam que são os próprios integrantes que não estão dispostos a fazer, a compor o conjunto. Para eles todo mundo convive hoje num lugar e noutro dia, a pessoa já não te conhece. Até parece que nunca vocês tinham se encontrado (referindo estudantes brasileiros já que ele é de fora).

Em seguida podemos analisar a fala do timorense (Narrador-4) afirma que esse facto acontece nesses lugares onde a pesquisa ocorreu devido o sistema social do Brasil que é mais desenvolvido e influenciado pelo capitalismo. Cada pessoa se preocupa consigo mesmo, diferentemente de outras sociedades (neste caso a sociedade timorense) que são menos desenvolvidos nesse aspecto. Lá a interagibilidade (habilidade de interação) é mais forte. Ele declara dessa forma:

É muito difícil agente desenvolver uma interação com outros. Aqui é muito diferente quando comparar com o que a gente enfrenta lá no nosso país de origem. Uma coisa que me faz entender essa integração não evoluída (na Unilab). É por causa de sistema social das culturas que temos no nosso país que é uma interação muito forte com outros, brincar com os outros, conversar com outros, interessar com os outros, encarar outros, tempo todo falar, ajudar uns aos outros. Quando comparado com aqui que tem sistema capitalista, cada um no seu canto. Ninguém se preocupa com os outros. Você não vai conversar com os outros, até outros vão para sua casa outro dia já não se conhece. Então nós temos esse sistema diferente que faz com que a nossa relação com os vizinhos não evolui. Aqui sistema faz com que cada um se preocupa só com o que vai fazer, por exemplo, você sai para o trabalho de manhã, nem liga o que está acontecendo na sua casa, nem sabe, volta a noite cansado de trabalho e de manhã vai lá de novo. Tudo isso é sistema, o dinheiro. Cada um preocupa com o seu, não há interação. Nós sabemos que o nosso país ainda não desenvolveu tecnologicamente como os outros. Então a partir daí podemos identificar que a nossa interação, integração é maior, porque o nosso sistema social é maior. Pois não existe esse campo de trabalho para atender as pessoas. Fazer a pessoa trabalhar e atender a sua vida própria. Então para nós, agente volta de trabalho o tempo todo é ficar em casa conversar com os outros, brincar aí a nossa interação é maior do que dos outros.

A partir daí, é possível separar duas linhas de explicação em relação a essa questão: 1) a forma como os estudantes nacionais encaram a integração e 2) como os estudantes internacionais acham que deve ser a integração.

Começando com falas de estudantes internacionais que acham ou, seja, entendem que os anfitriões não estão com a vontade de se abrir para recebê-los ou ainda, os nacionais não se interessam pela integração. Acontece interação quando há um interesse por parte dos nacionais. E quando esse interesse for realizado parece que nunca se conheceram. Segundo a fala que parece ser unânime entre e para estudantes internacionais é que esses contatos são de interesse para alcançar um objetivo, não existe interesse de integrar por parte dos nacionais.

Parece que os nacionais “correm dos internacionais e acham mais importantes que eles, por serem negros”, diz a entrevistada São-tomense. Ainda alegam que a integração depende dos dois polos, é uma reciprocidade e acima de tudo respeitar, mas aqui na Unilab não existe respeito. Mesmo não aceitando ou inteirar-se na cultura do outro, mas respeitar o que o outro faz, que seja diferente do que você (nacional) faz. Esse relato pode ser encontrado também nas falas dos estudantes nacionais.

Na última citação do estudante/Narrador-4 que explica que é o sistema social do Brasil que é mais desenvolvido e muito influenciado pelo capitalismo e isso interfere na relação entre as pessoas. Quase todos os estudantes internacionais perceberam que aqui até mesmo estudantes brasileiros não interagem de forma calorosa como são as interações dos estudantes internacionais. Por exemplo, há uma aproximação mais achegada entre estudantes internacionais em geral. As convivências, certas práticas e uso de algumas palavras que para os estudantes internacionais é normal para os nacionais é estranho. Exemplo de segurar uma menina na mão, dois rapazes segurando um ao outro na mão. É normal para estudantes internacionais. Mas para os “brasileiros” essa situação é anormal para os rapazes, só os namorados. Há também palavras que são anormais na sociedade brasileira (Acarape e Redenção), mas para estudantes internacionais são normais e assim vice-versa. O Narrador-1 e 5 reclamaram que os brasileiros estão sendo injustos com os estudantes internacionais na Unilab. Porque impedem que eles utilizem certas palavras tais como: “bicha” – que se refere a fila; rapariga nos PALOPs – que refere o antônimo de rapaz e, etc... os brasileiros ficam mal com isso. Mas chamam-lhes nomes que eles consideram indecentes; por exemplo:

“bichinho”, “puta que pariu”, menino/a, e, etc... são palavras consideradas indecentes que não são permitidas nas sociedades dos PALOPs.

Para os nacionais, há muito que tomar em consideração: primeiro nem todos fazem a mesma coisa (palavras minhas), segundo “existem nacionais muito interessados em conhecer a cultura do outro, existem aqueles que fazem a discriminação e os que nem pensam nisso”, diz Narrador-3 e 2, mais pontos para destacarem, mas paro por aqui. Para dar continuidade do ponto de vista dos nacionais. Segundo as entrevistas mostram que estão interessados em interagir com estudantes internacionais, mas há dificuldades em entender a língua (afirmou isso um estudante timorense que eles ficam mais isolados devido a língua, os brasileiros não os entendem, diz Narrador-4). E alegam que estudantes internacionais são muito fechados Narrador-6. Em raros casos, há aqueles que afirmam sentir a vergonha logo no início do contato com estudantes internacionais. Por parte dos entrevistados nacionais, não existem muitas críticas. Mas acham o modo de convivência dos estudantes internacionais como chatos, que gostam de barulho, festas, etc, replicou um morador de Acarape.

Assim pode-se considerar essas pequenas tensões que existem entre internacionais x nacionais como situações que aparecem na interação por causa de variação cultural e linguística.

3.3. Crítica e proposta como integração pode evoluir na Unilab

Achamos importante realçar as críticas proferidas e propostas feitas pelos estudantes e comunidades do que eles acham da Unilab. E forma como a integração de ser conduzida pela instituição. Sendo eles principais objetos da concretização do plano da integração da Unilab. Isto é, sem eles não existiria tal plano e talvez nunca existiria a Unilab.

Não falta esperança que há possibilidade da existência da integração ou, aliás, nesse processo de adaptação existem muitas dificuldades e algumas facilidades. Segundo os entrevistados, a integração pode evoluir na Unilab e nas cidades Redenção e Acarape. Os interlocutores narram que o preconceito, racismo, desigualdade, ignorância e outros são elementos que contribuem para a desintegração. Mas mesmo assim, acreditam que é possível que haja integração como é prescrita nas Diretrizes da Unilab.

Por outro lado, alguns consideram que a falta de vontade de muitos torna a integração não digo inexistente, mas deficiente.

Nos relatos destes não faltam elogios ao projeto Unilab e sua importância – caso de Narrador-2, para ele, “esse projeto de cooperação na área do ensino superior é uma oportunidade recebida por estudantes/países internacionais”. Mas ao mesmo tempo não poupa as críticas à universidade sobre o que ela prometeu e não está cumprindo. Ou, aliás, está tirando outra parte nesse caso corte das vagas, distribuição de bolsas de forma desigual, etc, afirmam Narrador-1 E Narrador-2. Para que a integração possa dar como é projetada nas Diretrizes da Unilab é necessário que “a Unilab cumpra com seus deveres, se uma parte não está sendo cumprida a integração não existe” diz o Narrador-2. Com isso quer dizer que a integração ‘está’ dependente do que está nas diretrizes.

Para evitar certas práticas discriminatórias, Narrador-1 propõe que a “Unilab deve fazer comunidade e estudantes nacionais conhecer o projeto de cooperação” que deu origem à Unilab. A “universidade deve fazer conhecer os seus estudantes internacionais, seus costumes, suas culturas” e acrescenta que “muitos moradores acham que estudantes internacionais estão se apropriando dos direitos dos seus filhos” e ainda há choque na interação que provoca um afastamento da comunidade para com os estudantes internacionais. O pensamento que muitos têm de que o negro é assaltante e a África um continente pobre e miserável é o facto que leva muitos “brasileiros [a pensar] que nós estudantes internacionais estamos aqui de graça”. Nesse sentido, ele propõe que a Unilab através de programas e projetos sociais faça com que a comunidade possa conhecer os seus estudantes internacionais e a cooperação internacional⁴.

A divulgação das culturas dos estudantes internacionais vai permitir a melhor convivência e integração entre ambas as partes. Por exemplo, já existe um projeto na Unilab (vozes d’África) que segundo o projeto, tem uma tarefa muito relevante nos objetivos e em comprimento das diretrizes da Unilab, segundo a coordenadora desse projeto Professora Artemisa Candé Monteiro, afirma que

o desenvolvimento desta ação em caráter de Extensão Universitária representa uma possibilidade de aproximar a população do Maciço do

⁴ Trazendo o ponto de vista da entrevistada de São Tomé e Príncipe (Narradora-5), vai dizer que há um projeto da Unilab que divulga tanto a Unilab como seus estudantes internacionais para comunidades – PIBID. Por meio desse programa a Unilab aproxima da comunidade e tenta conhecê-la (reciprocamente). Mas são próprios moradores e alguns estudantes que não estão interessados para tal (nacionais e internacionais).

Baturité e do Recôncavo Baiano, contextos nos quais a Unilab está inserida, e se propõe a integrar-se com uma melhor compreensão sobre o continente africano enquanto lugar de cultura e história, mas especialmente trazer a esses territórios um canal de diálogo e de identificação com alguns dos elementos integrantes do legado cultural africano junto à formação social e cultural do Brasil, expresso nas formas artísticas [...] a grande novidade deste projeto, serão as oficinas oferecidas de música, confecções instrumentos musicais, gastronomia, teatro, dança, tranças africanas e percussão, em particular africanos, abertas à comunidade e em específico à comunidade escolar dos municípios abrangidos pelo projeto.

Por outro lado, segundo os integrantes desse projeto demonstram que o projeto “privilegia a música, por entender que ela se articula transversalmente com uma série de outras linguagens” (como o teatro, a literatura, dança e formas específicas das tradições culturais dos diversos países). Exemplo do que foi objetivado no dia da apresentação do projeto no pátio do Campus de Liberdade em Redenção havia uma massa de pessoas de diferentes nacionalidades e a presença de alguns moradores de Redenção. E o mais importante é a apresentação realizado pelos integrantes. Mostrando diferentes aspectos relacionado a cultura africana: teatro, a literatura, dança e culinária.

Então nesse capítulo vimos três aspetos importantes que são levantados pelos estudantes. Em primeiro sobre o conceito da integração que segundo entrevistas propõem que ela é o respeito pela diferença. Onde foi destacada a questão de que não existe o respeito pela diferença na Unilab. Em segundo lugar o assunto está voltado a resposta central desta pesquisa: se a integração está a acontecer ou não na Unilab. Onde percebemos três tipos de integração: integração institucional, integração intelectual (que é promovida pela instituição) e integração intercultural ou sociocultural. Para os entrevistados, a primeira não acontece, a segunda acontece no seu todo e a terceira acontece de acordo com o modo de cada integrante. É esta terceira integração que a pesquisa pretende enfatizar ao analisar as inter-relações que acontecem entre sujeitos referenciados nesta pesquisa. Para responder esta questão, usei como base o conceito de PIRES (1999) sobre a integração. Assim, surgiu uma situação que segundo os entrevistados são sinalizadores de que a integração está acontecendo: os conflitos. Para Pires (1999), se confunde conflitos com a desintegração e o autor procura mostrar que nem sempre os conflitos são desintegrantes na relação. Da mesma forma, o consenso também não garante situações sociais de integração.

Também alguns entrevistados chegaram a essa conclusão de que os conflitos quando mediados são sinalizadores de que existe a integração. Neste sentido, para maioria existe a integração.

4. Considerações finais

O desdobramento do presente estudo permitiu uma observação e análise de dados obtidos no campo feito sob forma de entrevistas para poder apurar e obter os resultados mais consistentes. Para isso, passamos por etapas deste processo que é mais difícil e mais longo. Nessa longevidade/método, conseguimos informações que contribuíram para a construção e desenvolvimento das etapas desta pesquisa. As informações recolhidas com entrevistados mostram o grau de vivências socioculturais desses narradores que entrevistamos. As perguntas colocadas a estes entrevistados são claras e abertas (anexo-2) e permitiram mostrar a situação em que é empregado, nos corredores da universidade, a questão da *integração*. Então foi percebido que muitos discutem essa questão sem ter muito conhecimento sobre esse assunto, o que resulta em conflitos/problemas da *integração*. Muitos não buscam um meio para sustentar os discursos e acreditamos que esta pesquisa ajudará os integrantes a terem mais embasamento teórico que auxiliarão para algumas posições, se for necessário. Além disso, ao decorrer desta pesquisa realizada na Unilab e nas comunidades de Acarape e Redenção percebemos que na realidade, segundo as posições dos entrevistados, há críticas sobre a forma como a *integração* está sendo conduzida pela universidade. As respostas dos onze entrevistados foram divergentes, quanto ao acontecimento da *integração*. Então, para chegar a uma conclusão de que a *integração* está a acontecer ou não, torna-se difícil. A maioria é unânime em afirmar que há *integração* e uma minoria defende posição mediana. Para esta minoria a *integração* sociocultural está ligada à *integração* institucional. Se a *integração* institucional não existe também não existe a sociocultural.

Além destes pontos de vista levantados por essa minoria, há outros fatores que deixamos para outra oportunidade investigar/ampliar e que também emergiram nas considerações dos entrevistados (alguns até considero como fundamentais). Primeiro, os entrevistados consideram como principais fatores condicionantes ou que obscureceram a proposta da *integração* na Unilab os fatores econômicos e urbanos (estes incitam raiva de muitos moradores e alguns alunos brasileiros reproduzem o mesmo). Se há críticas de que os estrangeiros estão tomando os direitos dos filhos de Acarape e Redenção, isso se justificaria com as faltas de acesso que a população destas cidades está tendo à universidade, diz Narrador-1. Pois estudantes e os indivíduos que chegam a Unilab cada vez avançam mais ocupando melhores espaços devido a condição econômica que está

intimamente atrelada à urbanização. Quem tem posse económica ocupa melhor um lugar/casa e tem mais acesso a outros espaços. Por outro lado, a chegada de novos habitantes que tem mais condições influenciam direto no mercado. Como já afirmamos logo no começo, podemos dar continuidade à investigação destes fatores noutra oportunidade. Estes são fatores condicionam as relações de muitos integrantes e incita o conflito. Por conta disso não podemos afirmar que são os “principais” entraves da integração. Segundo, os dados analisados dos entrevistados nesse trabalho permitem localizar dois tipos de integração a considerar: 1) a integração intelectual (institucional) que é considerada existente, pois, a Unilab passa conhecimento a todos e cabe a cada um aproveitar o que puder; 2) relações socioculturais dos estudantes e moradores, que a maioria dos entrevistados consideram como existente. Mas cada integrante integra de acordo como ele entende que deve ou quer integrar. Isto devido a falta do acompanhamento da universidade diz Narrador-1, 5, 10, 6. Nestas relações que surge a questão ligada às diferenças e conflitos que obscurecem a integração. Como colocou o Narrador-7, como essa integração acontece é que é problema.

Enfim, podemos considerar três tipos de integração segundo estes dados, primeiro: “integração institucional” que não existe segundo narradores, segundo: a “integração intelectual” (institucional): que é considerada como missão da Unilab, que ela está cumprindo e a última a “integração intercultural”: que é considerada como aquele que existe, mas cada integrante integra como entende. Afirmo que as críticas e propostas postas pelos estudantes são necessidades destes e que a universidade deve agilizar e estabelecer uma política para a convivência de todos os que nela se inserem. A universidade não é um espaço fechado só para transmissão de conteúdos e de aprendizado. As experiências que as pessoas ganham nos convívios são também conhecimentos que ao serem trocados podem proporcionar um bom clima de aprendizado secularizado (conhecimento universitário).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luciana Teixeira de; **BAPTISTA**, Luís Vicente – **Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos**, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIX, 2015.

BAPTISTA, Marcus Welby; **ENUMO**, Sônia Regina Fiorim – **inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros**, estudos psicologia 2004, 9(1).

BARTH, Frederik. **Ethnic groups and boundaries**. Oslo: University Press, 1969.

_____. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: **Antropologia da etnicidade. Para além de “ethnic groups and boundaries**. Hans Vermeulen e Cora Govers (orgs.). Lisboa: Edições Fim de Século, 2003.

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv, Jan 2010, vol.8, no.1, p.607-630. ISSN 1692-715X.

ELIAS, Norbert; **SCOTSON**, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Francisco, 1900-1965. **Dicionário brasileiro Globo/Francisco Fernandes**, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. – 36. Ed. – São Paulo: Globo, 1994.

FERNANDES, Duval; **CASTRO**, Maria da Consolação Gomes de; e **MOREIRA**, Sandra – “Migrações transfronteiriças: desafios à inserção laboral e a integração social”, PUC Minas, pág.1-24. Encontrado em: <http://portaleventosacademicos.pucminas.br/index.php/simposioics/ivsics/paper/download/520/167>.

FLEURY, A. R. D.; **TORRES**, A. R. R. (2007). “Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais”. Estudos de Psicologia I Campinas I 24(4) I 475-486.

Instituto Lula, “**perspectiva da unilab é cooperação Internacional Solidária**”, novembro 2012; Encontrado em: <http://www.institutolula.org/perspectiva-da-unilab-e-cooperacao-internacional-solidaria-diz-reitor>, 28.03.2016.

HELENO, Maurício Gurjão Bezerra. **A política externa do governo Lula: a experiência da Universidade da Integração Internacional da Lusofania Afro-Brasileira (Unilab)**/Maurício Gurjão Bezerra Heleno.— 2014. CD-ROM 148f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abri., Cultura, 1978,

MANICA, Daniela. Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência. Revista Espaço Acadêmico - Nº 105 - Fevereiro de 2010. ANO IX-ISSN 1519-6186.

MOURÃO, Daniele. 2013. **Outros atlânticos: reconfigurações identitárias de estudantes cabo- verdianos em trânsito entre Cabo Verde, Portugal e Brasil**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UERJ.

_____. 2014. “**Estudantes cabo-verdianos no Brasil: tensões raciais e ‘reafricanização’**”. O Público e o Privado, 23:73-90.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Ed. UNESP,2000.

PIRES, Rui Pena. **O problema da integração**. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. V. XXIV, p. 55-87. Portugal. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10758.pdf>. Acesso em:14 de fevereiro de 2016.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções**. Mana vol.8 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2002. pp. 69-89. Print version ISSN 0104-9313On-line version ISSN 1678-4944.

SUBUHANA, Carlos. **A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias**. Pro-Posições [online]. 2009, vol.20, n.1, pp.103-126. ISSN 1980-6248.

SILVA, Kelly; MORAIS, Sara Santos – Tendências e tensões de sociabilidade de estudantes dos Palop em duas universidades brasileiras, pro-posições vol.23 no.1 Campinas Jan./Apr. 2012.

“Valores Afro brasileiros na Educação 1 Ensino da história da África Educação”
Publicado em 7 de nov. de 2013. Encontrado em:
<https://www.youtube.com/watch?v=AyTOA4ro-9E> - 21/08/2016

VOZES D'ÁFRICA: projeto de extensão: projeto de extensão que engloba diversas linguagens artísticas de origem africana será lançado na próxima terça-feira (16) encontrada em: <http://www.unilab.edu.br/noticias> - 12/05/2017.

UNILAB, “diretrizes gerais”, julho 2010. Encontrado em: http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf, - 28/03/2016.

6. ANEXOS

Anexos-1

Apresentação e atribuição de nomes fictícios

A primeira entrevista aconteceu com um estudante angolano na sua residência em Acarape. Ele chegou à UNILAB no ano 2014, entrada no período letivo de 2014.1 que teve início em mês de maio. Identificarmos-lo como NARRADOR-1. A sua idade é maior de 18 anos. Natural de uma província angolana. Iniciou seus estudos primários numa escola privada com seis (6) anos de idades. Começou o primeiro ano de escolaridade numa escola pública “Cento e Onze” e terminou 12º ano noutra escola pública “Escola Grande” em 2012 – Angola. A partir de 10º ano em Angola, os estudantes têm a oportunidade de seguir o futuro curso universitário. Neste sentido, o Narrador-1 teve oportunidade de seguir o curso desejado na altura: – a Economia, infelizmente não cursou este curso devido falta de meios para ingressar universidade. Depois de terminar seu ensino complementar e ensino médio, ele queria cursar Gestão Empresarial ou Ciências de Computação. Mas não foi o caso. E atualmente é estudante de Bacharelado em Humanidades na Unilab (finalizando). Após a sua chegada ao Brasil, morou em Redenção quase dois anos e mudou-se para cidade de Acarape em 2016, completando já cinco meses de mudança. Narrador-1 tem conhecimentos em informática básica e avançada, Hardware, software, língua inglesa e curso intermédio em teologia da escola bíblica em Angola.

A segunda entrevista aconteceu em uma das salas de aula em Liberdade (Unilab-Redenção) com estudante guineense do curso de Administração Pública denominaremos por NARRADOR-2. Nascido na província Norte, região de Biombo – Guiné-Bissau. Maior de 29 anos Idade. Começou os seus estudos primários em uma escola particular (“escola de banco” – como se diz em Guiné-Bissau), passou por muitas outras escolas e em 2001 entrou no Liceu Dr. Agostinho Neto, onde estudou até concluir o seu 11º ano em 2007 (, na altura, não existia décimo segundo ano (12º) de escolaridade na Guiné-Bissau).

Ao longo do período em que Narrador-1 estudou no Liceu Agostinho Neto participou de vários movimentos estudantis. Foi membro fundador de alguns movimentos no Liceu Agostinho Neto. Em 2005-2007 foi presidente e membro

fundador da Associação dos Estudantes Liceu Dr. Agostinho Neto (isto antes do Liceu Agostinho Neto se separar do Liceu Dr. Rui Barcelos da Cunha – Guiné-Bissau). Foi membro de CONAIGUIB. Em 2012, após chegada à UNILAB (Brasil), participou na fundação da Associação dos Estudantes Guineenses na Unilab. Foi fundador de movimentos/grupo na Unilab em 2015. Foi responsável pelas relações exteriores da Associação de Estudantes Guineenses no Estado do Ceará.

Ele tem conhecimento em língua inglesa, estudou a língua francesa no – Senegal, tem uma graduação interrompida em Direito e Ciências Políticas pela Universidade Sahell – Senegal. E formou-se em psicologia organizacional pela Faculdade Kurius (FAK) – Fortaleza-CE.

Chegou à Unilab em 2011, tendo sido a primeira entrada dos estudantes internacionais que chegaram em Redenção. Ele mora em Redenção desde a sua chegada. Graduou-se em Administração Pública na Unilab e atualmente é estudante de Mestrado interdisciplinar em Humanidades pela mesma universidade.

A experiência de vida de Narrador-2 por passar em várias organizações e conviver com a diferença antes da Unilab, o que facilitou a sua relação e o processo de adaptação à universidade e à cidade de Redenção. Segundo ele, há estranheza, mas não é nada de outro mundo, pois ele já tinha passado pela experiência de conviver com a diferença. Para o caso de racismo, ele afirmou comentando que muitos estudantes estrangeiros já andam carregando na mente, o pensamento de que o “outro” é preconceituoso ou é racista. Quando acontece um ato por parte da pessoa que o outro já tem na mente como preconceituoso, de imediato se caracteriza como aquele que sofre tal discriminação social. Mas ele não nega a existência de preconceito e racismo.

A terceira entrevista aconteceu em junho 2016, no campus da Liberdade (pátio) e a segunda parte no Campus dos Palmares-2 com o estudante brasileiro do curso de Bacharelado em Ciências Humanidades, aqui definido como NARRADOR-3. Morador da cidade de Redenção desde ano 2014 até atual momento. Ele nasceu no interior do Estado do Ceará. Maior de 21 anos de idade.

Começou o seu percurso escolar com cinco (5) anos de idade no ensino infantil (cresce) no ano 2000 e terminou em 2002. Iniciou ensino fundamental em 2003 e terminou em

2009. E em 2010 começou ensino médio e terminou em 2012 na escola do ensino médio Milton Façanha Abreu (Mulungu).

Conseguiu entrar na UNILAB, por meio de Enem em 2014 para estudar Ciências Humanas. Foi membro do Centro Acadêmico do Curso das Humanidades (2014-2016) e atuou na área das Relações Internacionais e direito estudantis em 2015. Apesar de não ter muita experiência anterior é conhecido na universidade como uma das pessoas que gosta e interage com todos independentemente da nacionalidade, devido a habilidades individuais.

Quarto (NARRADOR-4) é estudante timorense que chegou ao Brasil, Estado do Ceará concretamente na UNILAB (Redenção) em 2012, para estudar Ciências da Natureza e Matemática. Ele nasceu na província (Estado) de Lautém, concretamente na cidade de Lospalos – Timor-Leste. Foi jornalista numa estação emissora em Timor radiofônica. Nós nos conhecemos a partir de um colega, que é colega dele do curso. Daí passamos a ser amigos, a gente brinca e mais. Uma particularidade percebida dos timorenses é: quando um é seu amigo, pode contar que os outros colegas timorenses te encaram como amigo de todos eles. Essa é uma grande particularidade desse povo em relação aos outros na Unilab. Esse narrador afirma que em Timor o nível de sociabilidade é maior do que aqui (Brasil-CE) devido ao sistema social-capitalista e ao desenvolvimento. Aqui, na sua perspectiva, cada um se preocupa consigo mesmo e, não tem tempo para os outros.

A quinta entrevista foi feita com uma estudante são-tomense NARRADOR-5, aluna de curso de Letras, 8º trimestre. Nasceu no distrito “Água grande” – na capital São Tomé. Com cinco anos de idade começou a estudar a primeira classe na escola pública “Almeirim” em 1997. Terminou o ensino primário básico em 2001 (4ª classe). Do ano 2001 a 2004 concluiu o ensino primário secundário (6ª classe). De 2004 a 2010 concluiu o ensino secundário (12ª classe) correspondente ao ensino médio do Brasil.

Foi membro do Clube Meio Ambiente (organização responsável pela higiene da escola e comunidade ao redor em São Tomé e Príncipe) em 2010. Em 2011 ingressou na Faculdade de Letras até o 3º ano e desistiu para vir estudar na UNILAB. Apesar de não participar de várias organizações sociais e escolares em São Tomé e em Redenção, mas tem muita experiência quanto às relações sociais.

Ela participou nas formações em vários Workshop (minicursos intensivos ofertados em 2010-2013) de diferentes especialidades.

Ela trabalhou numa rádio como técnica, secretária, recepcionista e Locutora.

Narrador-5 tem conhecimentos em informática avançada (cursou nove meses em 2010), tem domínio em português, francês e crioulo de São Tomé e Príncipe.

Chegou ao Brasil (UNILAB) no ano 2014 para estudar no Instituto das Humanidades e Letras – IHL, no curso das Letras.

A Sexta entrevista (NARRADOR-6) foi feita com uma cearense que nasceu em Maracanaú Ceará-Brasil, maior de 22 anos de idade. Moradora na cidade de Redenção, nós nos conhecemos através de um amigo desde 2015. Nossa amizade se estabeleceu e nós nos relacionamos bem até hoje, como amigos. Ela foi convidada para falar de sua convivência com a diferença e ela aceitou abertamente para opinar sobre o que ela viu e convive.

O sétimo entrevistado (NARRADOR-7), é do Maciço do Baturité, de opção sexual Gay, atualmente é estudante do Bacharelado em humanidades e mora em Redenção. Antes de sua entrada à Unilab, ele estava cursava o curso de culinária até o último ano do curso, porém não terminou e entrou na Unilab para fazer curso superior, por meio de ENEM. A gente se conheceu na Unilab por meio de um curso de extensão promovido pelo Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS/Unilab). Depois com o tempo tornamo-nos amigos. Um dia, convidei-o para uma entrevista sobre esta pesquisa. Ele se ofereceu a dar a sua opinião sobre as relações sociais na Unilab a partir de sua experiência. Narrador-7 foi quem mais destacou que a Unilab está a “cobrir os problemas”, principalmente a discussão sobre gênero e sexualidade. Para ele, a prova disso é quando acontece algum problema entre estudantes, mostra o conflito subjacente. Para ele, deveria haver sempre debates na Unilab sobre essas diferenças.

O oitavo entrevistado (NARRADOR-8) é com morador da cidade de Acarape, natural da mesma cidade e tem mais de 29 anos de idade. Conhecemo-nos devido ao vínculo de amizade que ele tem com os estudantes internacionais, principalmente os guineenses. Isso aconteceu porque ele tinha interesse em aprender crioulo de Bissau. Por fim, um dia solicitamos a ele que, explicasse como são as experiências de viver com a diferença. Ou seja, como é a relação dele com os estudantes internacionais – como

isso se dá? De imediato ele aceitou a solicitação e foi assim que ele me concedeu a entrevista para a pesquisa. Narrador-8 é formado na área de manutenção de computadores, e atualmente é estudante do curso de Direito em Fortaleza, sendo também dono de uma microempresa nas cidades de Acarape. Ele afirma que viver com a diferença é muito difícil se não houver uma boa mediação e compreensão.

A nona entrevista se deu pelo facebook, às 20horas do dia 23/10/2016. Ele é identificado como NARRADOR-9 e oriundo de Fortaleza, Capital do Ceará-Brasil. Nasceu no bairro Sapiranga. O quinto filho de oito da piauiense com o cearense. Concluiu o ensino médio no mesmo bairro, na escola João Nogueira Jucá, no qual foi bolsista de Iniciação Científica Júnior. Construiu, o Grêmio Estudantil e conheceu o Movimento Kizomba e o Coletivo ENEGRECER e foi Diretor Étnico/Racial da Associação Cearense dos Estudantes Secundaristas — ACES. Posteriormente entrou para o Instituto Federal de Educação do Ceará em 2012 e foi do Diretório Central dos Estudantes - DCE JML. Filiou-se no final de 2012, após eleições municipais, no Partido dos Trabalhadores - PT. Entrou para o curso de Filosofia na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Coursou 3 semestres em meados de 2013 e foi da Comissão Gestora do DCE.

Em 2014, entrou na UNILAB, onde atualmente é graduando em Humanidades, bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET de Humanidades e Letras. Foi também da Coordenação de Direitos Humanos e Movimento Social do Centro Acadêmico do Bacharelado em Humanidades - CABHU, tendo participado da Comissão Eleitoral por dois anos do Centro Acadêmico de Letras e Engenharia de Energias, além do Diretório de Agronomia e do Instituto de Humanidades e Letras. Representou o corpo discente da Unilab na Audiência Pública sobre Direitos, Juventudes e Violências no Maciço de Baturité, coordenando a mesa da II Assembleia Geral da Comunidade Acadêmica da UNILAB. Foi também, da Comissão Organizadora da II Semana da África. E da pasta de Combate ao Racismo da Juventude do PT Ceará. Também contribui na Assessoria Parlamentar do Deputado Estadual Elmano de Freitas – PT. É também de opção sexual diferente do hetero, foi ele que afirmou dizendo que os Gays são alvo de constante zombaria na Unilab. Ele afirma que até os trabalhadores e estudantes chamam uns aos outros de “Nagana”, (nome de um Gay em Guiné-Bissau).

Decimo entrevistado (NARRADOR-10) é de Cabo-Verde, natural da cidade de Praia, maior de 24 anos de idade. Ele estudou na escola pública até terminar o seu ensino médio. Teve a primeira formação em Empreendedorismo. Fala língua crioula de Cabo-Verde e português, inglês e francês básico. Chegou à Unilab na cidade de Redenção em 2014, para estudar o curso Bacharelado em Humanidade.

Ele afirma que os cabo-verdianos se relacionam com todas as nacionalidades dos PALOP e brasileiros. Mas ele realça que eles se relacionam mais com africanos. Quanto à relação com os Gays, ele demonstra que, quando chegam novos estudantes cabo-verdianos, eles têm um comportamento preconceituoso com os homossexuais (femininos e masculinos) Guy e Lésbica, mas quando passam mais tempo, a conviver com essa diferença isso desaparece.

O décimo primeiro entrevistado, é de nacionalidade moçambicana, estudante do curso de Engenharia, ingressou na Unilab na entrada 2013.2 (janeiro de 2014). Nasceu na cidade de Maputo-Moçambique, mas passou mais tempo com a família na África do Sul, depois voltou para Moçambique, onde começou seus estudos. Nós nos conhecemos através de um amigo e passamos a nos tratar como amigos. Ele tem conhecimento de informática avançada, compreende a língua portuguesa, língua materna, inglesa e um pouco de francês. Quando convidado a participar de uma entrevista, ele aceitou.

Um das principais declarações dele é que a integração é lamentável, devido ao que se verifica entre as nacionalidades. “O que deveria ser uma riqueza cultural e de aprendizagem, tornou se lamentável”.

Essas duas últimas entrevistas (décima e décima primeira) ocorreram por meio de internet.

São estes os sujeitos entrevistados. Como pode-se notar há umas variedades de perfis, de trajetórias e de propostas para se pensar a integração na Unilab. Essa variedade se explica a partir das diferenças culturais e linhas de fronteiras individuais que cada pessoa cria, limitando seu espaço de convivência pessoal ou em grupo.

Anexo-2

Questionários usados na pesquisa de campo

Primeiro ciclo:

- 1 – Com que estudante internacional você começou primeira amizade? Como e onde começou? O que te levou a fazer amizade com ele?
- 2 – Para você o que te dificulta para estabelecer amizade com africanos, brasileiro (estudantes e moradores de Acarape e Redenção) e timorense?
- 3 – Como são as suas vivências com os moradores (brasileiros e estrangeiros) de seu bairro?
- 4 – Como foi seus primeiros contatos com as diferenças? Como sentiu? Porque sentiu assim?
- 5 – Como foi sua adaptação na cidade de Acarape/Redenção? (Internacionais)
- 6- Como você a integração hoje? Será há uma diferença entre momento atual e momentos de sua chegada?
- 7 – Com quem começou a primeira amizade e como começou tudo?
- 8 – Para você o que te impede de estabelecer amizade com africanos/brasileiro/timorense. (Vergonha, medo, diferença no modo estar, estranhamento, seus amigos, família, etc.)?
- 9 – Como é vista sua amizade com os africanos, timorenses e brasileiros nas comunidades e no espaço universitário? O que os outros acham de você?
- 10 – Ao estar com um africano, brasileiro ou timorense como você se sente? ou o que te identifica ou diferencia com eles?

Segundo ciclo:

- 1 – A integração como proposta da Unilab, você acha que isso está acontecendo ou não?

2 – Para você que achas que está impedindo a sua integração na Unilab e nas comunidades? E o que achas que deve ser feita para melhorar as interações/integração?

3 – Para você o que significa integração?

4 – Com aluno de primeira entrada: para você qual é a diferença que existe entre esse momento (2016) e os primeiros momentos que você chegou aqui na Unilab e cidade onde você mora? E agora ou como você está vendo a integração dentro e fora da Unilab?